

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

ÍNDICE

- 2 O “COMPLETAMENTE OUTRO”
OCULTO NO
“NÃO-SER”
- 11 VITÓRIA SOBRE A MEDUSA
- 15 SIM, MAS...
- 18 DA MULTIPLICIDADE À VER-
DADEIRA UNIDADE
- 20 UNIDADE APARENTE E VER-
DADEIRA UNIDADE
- 26 “SE TEUS OLHOS
FOREM BONS...”
- 30 OS MILAGRES DO
ANTICRISTO
- 34 MIL COISAS CRIAM OBSTÁCU-
LOS À VISÃO DA UNIDADE
- 36 VIVER NA SIMPLICIDADE
DE CRISTO
- 41 ESCOLHER OU SER
ESCOLHIDO

1998

ANO VINTE

NÚMERO 5

O “COMPLETAMENTE OUTRO” OCULTO NO “NÃO-SER”

“Somente vós, os homens, evoluís e cresceis rumo ao livre-arbítrio. Tendes o germe de uma vida universal.”

Estas palavras do filósofo Pico de la Mirandola (1463-1494), extraídas de “De Dignitate Hominis” (Da Dignidade do Homem), ainda hoje tocam muitas pessoas que estão em busca da verdade. Elas expressam a idéia de que o homem, no mais profundo de seu ser, é autônomo: que ele está preparado para dirigir seu próprio processo de desenvolvimento, de determinar por si mesmo sua vida, de determinar-se a si mesmo em cada caso.

Há um princípio divino oculto no homem! E o que é de origem divina nele deve ter outras características, diferentes daquelas que se desenvolveram a partir do fato de se haver subordinado às leis da sobrevivência e do instinto de conservação. É certo que a liberdade de agir e de “ser si mesmo” são uma coisa só.

Entre o começo do Renascimento italiano e o meio do século vinte, cinco séculos de civilização européia se passaram. O existencialismo dessa época — representado entre outros por Jean-Paul Sartre, Luis Ortega e Albert Camus — considerava o “fenômeno homem” de modo bastante diferente. Jean-Paul Sartre atribui ao homem apenas um valor, mas somente se ele for capaz de dedicar-se a ele: a noção de “engajamento” é importante para ele, e até mesmo essencial, no sentido mais literal da palavra. Albert Camus acha que o homem somente pode progredir se afrontar o absurdo encarando-o nos olhos e perseverando em seu esforço.

O PRINCÍPIO “DEUS” É UM DADO OPERANTE?

Estes dois pensadores, e outros além deles, rejeitam a metafísica. Eles pensam que o homem moderno nada pode fazer com palavras como “supra-sensorial” e “divino”, pois estas palavras não são “operantes”. O autêntico buscador da verdade não concorda com este ponto de vista. Primeiro, porque ele aprendeu a considerar o teatro da luta entre vida e morte, no qual o homem é prisioneiro, como uma “ordem de socorro” criada pela única Vida Universal para deter a humanidade em sua queda.

Segundo, porque ele pode testemunhar por experiência pessoal que existe realmente uma vida divina. E em terceiro lugar, porque ele chega a pensar que a negação do divino é uma doença que ataca e destrói o próprio fundamento da existência.

ACEITE SEU DESTINO COMO O QUE HÁ DE MELHOR

Os existencialistas não podem imaginar que o homem possui dentro dele um princípio divino capaz de ligá-lo novamente à fonte de toda a vida. O sociólogo e economista alemão Karl Marx (1818-1883) pensava que o homem, *objetivo da produção*, tinha-se tornado *meio da produção*. Friedrich Nietzsche (1844-1900) queria que o homem se reconciliasse com seu destino. Ele introduziu o conceito “amor fati” (“liebe dein loss”) no pensamento ocidental: “Aceite seu destino como o que há de melhor,



Quando Nietzsche tinha vinte anos e começava sua peregrinação interior, ele escreveu:

“Quero conhecer-te, ó, desconhecido, tu que tocas minha alma profundamente, que carregas minha vida como uma tempestade, tu, o insondável, que estás próximo de mim: quero conhecer-te, e até servir-te”.

Sua vida foi uma luta em busca de Deus, que terminou por volta de 1872, concluindo que o Deus desconhecido dentro de seu ser fugia dele. Este pensamento domina suas últimas obras.

como a melhor possibilidade que você recebeu”. Ao mesmo tempo, como resultado de seu caminho interior, ele chegou a pensar que o deus do cristianismo era um “deus morto”, um deus que reduzia a vontade pessoal e a personalidade cheia de ricas nuances do homem para fazer dele um manso carneirinho.

Para o existencialismo, todos os deuses estão mortos: os das igrejas e os das idéias sublimes de qualquer outra ideologia. O homem moderno existe e

se afirma com as escolhas que faz.

Sartre e Camus eram jornalistas influentes antes da Segunda Guerra Mundial. Quando se deu o grande conflito que opôs os Aliados ao Eixo Roma-Berlim, eles se alistaram na Resistência da esquerda. Depois de 1945, eles declararam abertamente sua opinião, que era impopular na época. Nos anos cinqüentas, eles tiveram de enfrentar muitas controvérsias: a Igreja, o Estado e a burguesia se opuseram a suas idéias e conclusões — pelo menos aquelas que podiam compreender e encarar. Estas idéias também causaram muitos choques no interior do próprio existencialismo. Por outro lado, movimentos estudantis dos anos sessentas aderiram a elas, e, com o termo “engajamento”, Sartre tornou-se personagem de proa dos intelectuais da época.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). (Nietzsche Archives, Weimar, Alemanha.)

Abaixo, retrato de Pico de la Mirandola na página de rosto de *The life of John Picus Earl of Mirandola, who died Anno Christi 1494.*



O “UOMO UNIVERSALIS” DESTRONADO PELO EXISTENCIALISMO

O ponto de partida do existencialismo coincide completamente com o chamado de Pico de la Mirandola. Este, traduzido livremente, estabelece que qual-



O EXISTENCIALISMO

No século XIX, o filósofo dinamarquês Kierkegaard qualificou-se como existencialista. Em seu diário, ele escreve: “Devo encontrar a verdade de acordo com esta idéia: por que vivo e por que morro...” O existencialista parte da idéia de que o homem deve escolher entre a moral e a verdade.

A experiência e a compreensão pessoais são mais importantes que o saber transmitido ou imposto. A razão e a ciência não estão preparadas

para responder às questões vitais mais importantes. Para poder escolher, devemos ter liberdade. Segundo Sartre, a existência precede a essência. É por esta razão que o homem é obrigado a fazer uma escolha sobre a qual ele tem responsabilidade, assim como tem responsabilidade sobre suas conseqüências. Não escolher também representa uma escolha. Kierkegaard tinha orientação espiritualista, ao passo que Sartre era ateu. O existencialismo acaba-se voltando contra a teologia atual. Esta posição é a de pessoas importantes, como Martin Buber, Karl Jaspers, Paul Tillich e Rudolf Bultmann (Alemanha), Gabriel Marcel (França), Nicolas Berdiaeff (Rússia). Na literatura, seus representantes mais influentes foram Dostoiévski, Franz Kafka, André Malraux e Albert Camus. Samuel Beckett e Eugène Ionesco apresentaram suas idéias no teatro sob a forma de alegoria.

quer pessoa que acredite em suas personalidades e engaje todos os seus dons inatos e adquiridos pode tomar as rédeas de seu processo de desenvolvimento, visando a “vida universal”. O ideal do “Uomo Universalis”, o homem universal, era uma perspectiva que poderia agradar a todos. De fato, Pico de la Mirandola estabelecia, para isto, um programa de desenvolvimento visando o futuro. A partir deste ponto de vista, não havia nenhum obstáculo. Todos os que se entregavam totalmente a este ideal tinham todas as chances de obter e vivenciar a liberdade interior.

para responder às questões vitais mais importantes. Para poder escolher, devemos ter liberdade. Segundo Sartre, a existência precede a essência. É por esta razão que o homem é obrigado a fazer uma escolha sobre a qual ele tem responsabilidade, assim como tem responsabilidade sobre suas conseqüências. Não escolher também representa uma escolha. Kierkegaard tinha orientação espiritualista, ao passo que Sartre era ateu. O existencialismo acaba-se voltando contra a teologia atual. Esta posição é a de pessoas importantes, como Martin Buber, Karl Jaspers, Paul Tillich e Rudolf Bultmann (Alemanha), Gabriel Marcel (França), Nicolas Berdiaeff (Rússia). Na literatura, seus representantes mais influentes foram Dostoiévski, Franz Kafka, André Malraux e Albert Camus. Samuel Beckett e Eugène Ionesco apresentaram suas idéias no teatro sob a forma de alegoria.

O filósofo
dinamarquês
Søren
Kierkegaard
(1813-1855)

Ora, uma perspectiva como esta é negada pelos existencialistas. Seu ideal é apenas um: agir normalmente, da melhor forma possível, e assim fazer a escolha mais correta de acordo com as circunstâncias — e isto corresponde bem ao pensamento atual. Entretanto, o resultado é o oposto da liberdade interior! Podemos pensar que este é um duro exemplo dos tempos modernos, quando experimentamos mais o inverso do que o livre-arbítrio.

No início do Renascimento, no entanto, sucedeu o contrário. Muitos seguiram o caminho indicado pelo livro *Da Dignidade do Homem*. Em um tempo relativamente curto, um grande número de pensadores, poetas, escritores, arquitetos, pintores e escultores foram inspirados pelas idéias de Pico de la Mirandola. Durante quase um século, a Europa da Idade Média se transformou em uma jovem e dinâmica sociedade de cidades-estado.

Tudo o que fez a grandeza da Idade Média estava em ruínas ou então eram monumentos da antiguidade clássica, transformados em igrejas. Até então, o estudo e o desenvolvimento cultural eram reservados aos mosteiros. Mas, então começou um período tumultuado, em que todas as barreiras foram postas de pernas para o ar. Uma nova arte da arquitetura, leve e harmoniosa, embelezou as cidades jovens e dinâmicas. Foram construídos edifícios públicos, palácios, vilas enfeitadas de esculturas, de pinturas e de tapeçarias de uma beleza até então desconhecida. E em muitos lugares floresceu uma nova literatura e, graças à arte da impressão, quase toda a Europa se beneficiou desta riqueza. Uma nova primavera espiritual anunciava as primeiras flores que floresceram no Norte da Itália!



O filósofo italiano Tommaso Campanella foi mantido preso durante 26 anos, em Nápoles, por ter combatido as idéias de Aristóteles. Em sua cela, ele escreveu *A Cidade do Sol*.

O modelo do desenvolvimento cultural de toda a Europa estabeleceu-se nessa época. Modismos diversos, idéias herméticas, traduzidas do grego e do árabe, tomaram novas formas. O europeu, que despertava, tinha alguma percepção da origem da Criação com os textos de Hermes que se espalharam por toda a Europa. Pico de la Mirandola foi um gênio de grande porte. Ele se esforçou especialmente para reunir todas as sabedorias mundiais. Propôs suas 99 teses em 1486, convidando os sábios da Europa para virem discutir em Roma, a sua custa, mas sua iniciativa foi barrada pelo papa, que impediu esta reunião.

NEGAÇÃO E MANIPULAÇÃO DAS IDÉIAS INOVADORAS

A história da civilização mostra que as idéias herméticas, divulgadas no Renascimento e logo após, influenciaram profundamente os esquemas culturais europeus que vieram depois disto. Mas



em nenhuma parte elas se manifestaram pura e completamente: em todo o lugar elas sempre foram alteradas, distorcidas e manipuladas.

Por quê? Na melhor das hipóteses, por causa da incompreensão. Mas muitas alterações são conseqüências de alterações conscientes, algumas para defender os interesses do poder. A Igreja e o Estado, colocando todos os seus pesos na balança, traduziram estas idéias mais ou menos assim: “Façam o melhor que puderem e se adaptem à ordem estabelecida. Assim, vocês poderão partilhar da liberdade e da felicidade eterna — no Reino dos Céus”. Mas isto não tem nada a ver com a idéia hermética original do Bem!

Sempre houve indivíduos ou pequenos grupos que tentaram encontrar o pensamento hermético na confusão das idéias contemporâneas. Sempre quiseram voltar ao ponto de partida indicado por Pico de la Mirandola, e muitas vezes trabalharam dentro da estrutura da Igreja, com esperança de levar para ela algo de novo. Mas, evidentemente, eles se colocavam por isso mesmo fora desta poderosa instituição — o que sempre terminava em catástrofe.

A história da Europa é atravessada por uma linha de pensamentos herméti-

cos mais ou menos puros. Somente em meados do último século é que foram aparecer as primeiras falhas neste tipo de desenvolvimento, e os diferentes modelos utópicos se mostraram inoperantes. A Europa encontrou-se diante da Cidade de Deus, de Agostinho. Thomas More escreveu a *Utopia*. Calvino via a salvação na fundação da cidade-estado de Gênova. Johann Valentin Andreæ descreveu a cidade de *Christianopolis* a partir da *Cidade do Sol*, de Campanella. E sir Francis Bacon apresentou uma sociedade ideal na *Nova Atlântida*. Alguns estabeleceram comunidades isolando-se do mundo a fim de seguir seu próprio caminho. Novos idealistas não paravam de apresentar novas fórmulas e reuniam muitos adeptos.

NOVO VERSO DE UMA ANTIGA CANÇÃO

Poderíamos pensar, portanto, que tantos esforços iriam pouco a pouco fazer da terra um planeta paradisíaco, dotado de inúmeras formas de sociedade ideal! Conhecemos a realidade. Não é por falta de ideal. No decorrer do tempo, estas sociedades foram sendo assimiladas pouco a pouco pelo mundo co-

A Academia platônica de Cosme de Médicis, fundada em Florença em 1442.

mum. Depois das *Leis*, de Platão, muitos grandes espíritos se entregaram ao progresso dos homens e à criação de sociedades ideais. Mas a inércia da matéria contribuiu para o naufrágio de suas idéias, tornando-as inoperantes. Cada tentativa é como um novo verso de uma velha canção. Um grupo de pioneiros dá forma ao ideal e os primeiros resultados são promissores, mas ninguém se dá conta das forças da natureza humana.

O desenvolvimento das idéias introduzidas no Renascimento continuou até o século XIX. Os pensadores sempre se inspiraram em idéias básicas das comunidades ideais realistas, em que os homens deveriam viver felizes, se seguissem seus princípios. Mas as forças da natureza humana aniquilaram os resultados de cada tentativa muito antes de sua realização definitiva.

PARTILHANDO DA FELICIDADE PROMETIDA

É incontestável que alguns fatores dificultaram as coisas para os pioneiros. Burgueses ricos, muitos eruditos e o clero agiram cinicamente. Em consequência disto, o comércio europeu caiu em suas mãos, e em seguida os militares tomaram as rédeas da situação. A Europa sempre sofreu e ainda sofre por causa disto: ela foi continuamente retalhada pelas balas de canhão. Uma forma de estado ideal dirige-se exclusivamente a pessoas que têm o mesmo espírito. Cada vez que uma sociedade razoável parece possível, surgem minorias e pessoas que pensam de outra forma, acendendo, assim, novos focos de agitação. Nos intervalos, houve um crescimento explosivo da população européia. E todos quiseram partilhar da

felicidade anunciada.

O refrão da canção é sempre o mesmo: nenhuma sociedade ideal é possível; nenhuma liberdade interior durável é possível na natureza terrestre; nenhuma verdadeira iluminação é possível, nem pelo misticismo, nem pela razão.

SEM O SOL ESPIRITUAL, NÃO HÁ ESPÍRITO ILUMINADO

Da mesma forma que não há dia sem a luz do sol, não há espírito humano iluminado sem a luz do Sol divino. O desenvolvimento cultural do homem não lhe traz nenhuma iluminação. O filósofo Karl Eckartshausen reagia contra as idéias iluministas de Rousseau dizendo:

“Iluminação? A razão não pode iluminar o homem. Somente o Espírito divino pode iluminar, pelo fogo de sua graça!”

Os existencialistas como Sartre e Camus não cantaram uma nova canção, pois seus argumentos nos repetem, invariavelmente, o mesmo refrão: a razão é incapaz de iluminar verdadeiramente o homem. Até aí há uma concordância, mas a segunda parte da frase de Eckartshausen, para eles é uma opção impossível. E mesmo se fosse possível, raciocina Camus, nós a rejeitaríamos, pois não queremos ser “supra-humanos”, se os outros não têm a capacidade de sê-lo.

O ABSURDO DA VIDA COTIDIANA

Por que, segundo eles, é impossível ser iluminado? Por que não podemos alcançar a liberdade? De acordo com

O escritor francês
Albert Camus
(1914-1960)
(Photo Henri
Cartier-Breson).

Camus, esta pergunta somente tem resposta se percebermos o absurdo de nossa própria condição. E, no entanto, não tinha ele o desejo obstinado, lancinante, inextinguível de uma unidade perdida? O mundo se recusa a isto. O ser humano olha a sua volta, tenta encontrar uma relação e vê a terra como uma região estéril e hostil. Que situação absurda! Para que serve, então, viver nesta terra?

Essa é a idéia crucial de Camus. A confusão que nasce do absurdo constante pode invadir alguém de repente.

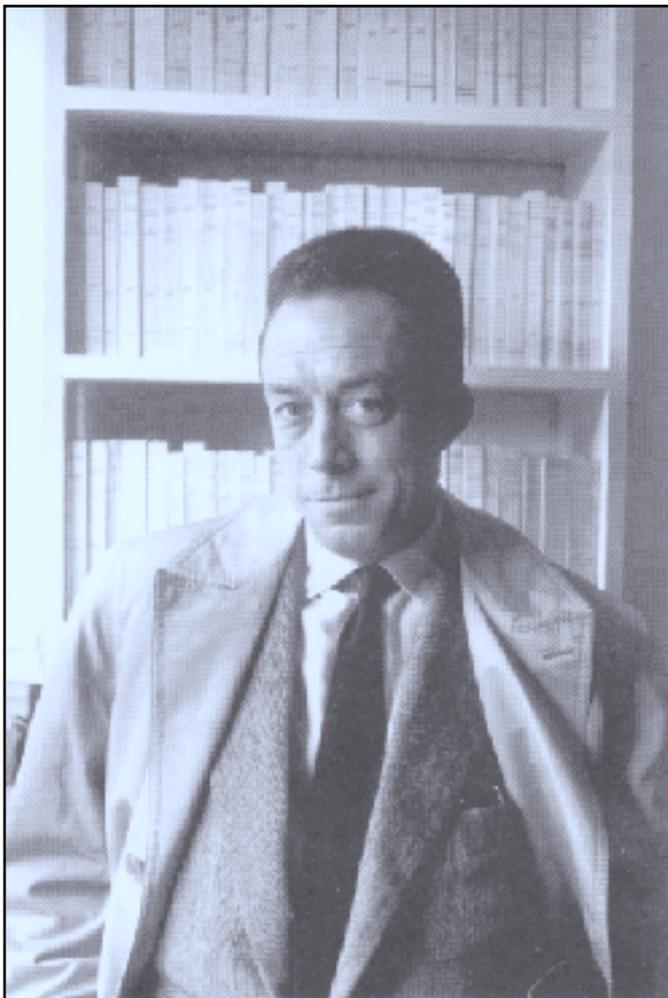
Nesse instante único de sua vida, todas as suas certezas habituais se desfazem e, como um clarão, sua consciência vê como o mundo é estranho e hostil para ele.

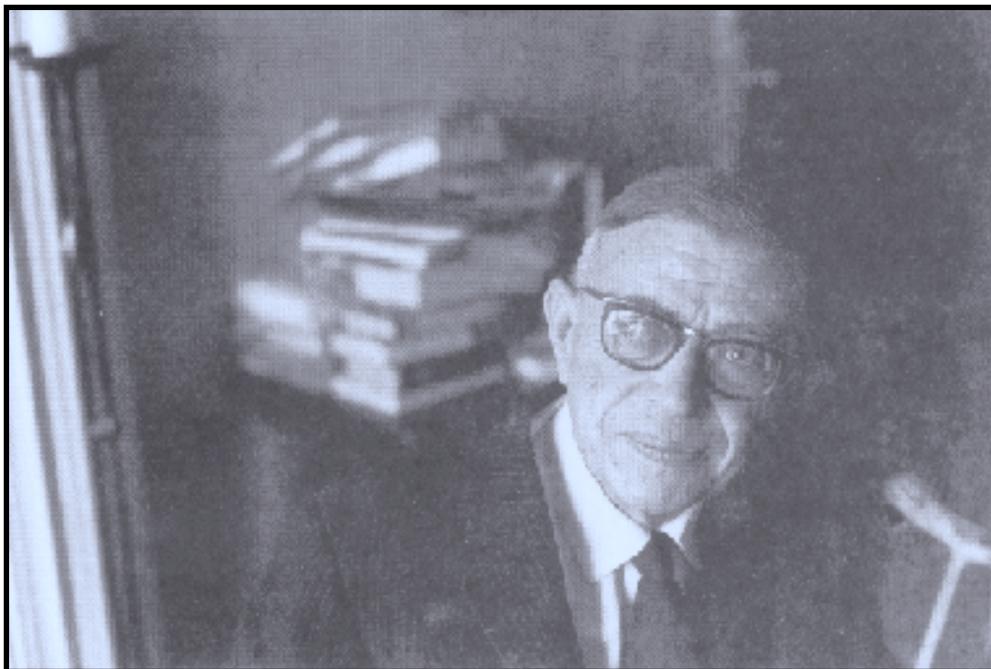
“A alienação nos surpreende: logo percebemos que o mundo está ‘fechado’; logo vemos como uma pedra é estranha, irreductível, e com quanta intensidade a natureza, ou uma paisagem podemos renegar. O mundo escorrega entre nossas mãos; ele se defende. O absurdo nasce deste confronto do homem que questiona e do mundo que se cala sem razão.”

Albert Camus foi um pesquisador apaixonado que, assim como muitos de seus contemporâneos, foi até os limites do eu, estudando as possibilidades e qualidades da personalidade, mostrando que ela não deveria gozar antecipadamente a salvação eterna nem aqui embaixo e nem mesmo no além. O mérito deles é maior ainda pelo fato de que não fundaram nenhuma religião nova, ou alguma doutrina considerada libertadora.

AGIR CONTRA SEUS PRÓPRIOS PRINCÍPIOS

Pelo menos, é o que eles afirmam. Mas Sartre, por exemplo, violentou seus próprios princípios, sustentando o movimento contestatário dos estudantes, nos anos sessentas. Albert Camus via a grandeza da personalidade humana na medida em que ela podia dar um sentido ao mundo graças a seus atos. E porque o indivíduo que sofre pode-se identificar com a humanidade sofredora, a solidariedade é o fundamento de toda a sua revolta.





Jean-Paul Sartre em seu escritório (Photo Henri Cartier-Bresson).

Para todos os que buscam a Verdade, é possível ir até o fim com Camus. Sua rota de buscador e suas conseqüências são impressionantes, mas, se ele queria verdadeiramente encontrar a Verdade e vivenciá-la, ainda lhe faltou alcançar uma outra dimensão. A grande descoberta dos rosa-cruzes é a idéia de que eles não pertencem a este mundo.

A METADE DESCONHECIDA DO MUNDO TOCA A HUMANIDADE

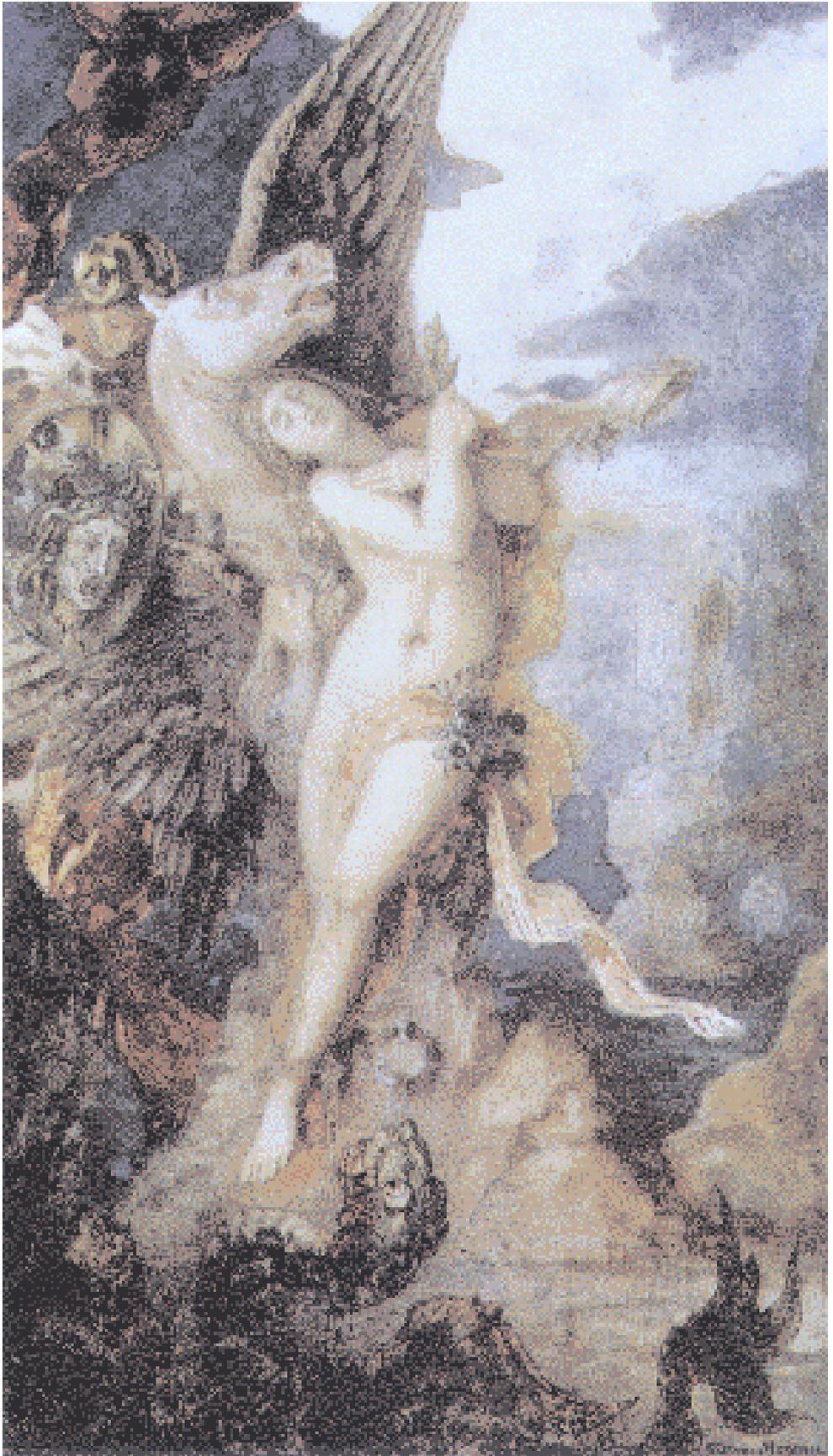
Esta idéia mostra que a existência terrestre não é a única que foi criada para o homem. Uma metade do mundo está oculta para ele! Ela age sobre ele! Ela o chama! Assim como ele está rodeado por um universo, também está rodeado por um microcosmo. E é nesta parte desconhecida, neste não-ser de seu ser duplo, que o completamente Outro repousa, ou pior: jaz em um sono mortal.

Trata-se de uma região que o ser humano, de propósito, desconhece já há muito tempo e que já não reconhece. Ele recebe esta idéia desta poderosa energia que se libera no momento em que a rosa do “completamente Outro” envia seu pri-

meiro impulso mais forte. A partir desse momento, ele começa a compreender a razão de sua existência no mundo terrestre, e uma nova fé o liga novamente a este novo mundo, ao mesmo tempo que ele descobre a possibilidade de uma verdadeira e nova evolução.

São características desta verdadeira evolução:

- o reconhecimento do absurdo da existência humana em um ambiente hostil. Este reconhecimento emana da rosa-do-coração, cujos impulsos interiores fazem nascer uma grande inquietação;
- a idéia de ser prisioneiro do destino;
- a compaixão sincera, que não cria dependências: ou seja, o cristianismo original fundamental;
- a nova fé, que é a fé na metade desconhecida do mundo, da qual se fala especialmente na *Fama Fraternitatis*;
- a própria força da nova vida, que age diretamente e provém da metade desconhecida do mundo. Sobre esta base, o impossível é possível, o absurdo do mundo é anulado.
- Esta é a atividade da *Gnosis*, o conhecimento da natureza divina, o conhecimento que dá a Vida, a iluminação no Espírito e pelo Espírito divino.



VITÓRIA SOBRE A MEDUSA

Tudo se passa como se, na natureza do ser humano, houvesse algo que sempre o fizesse praticar os mesmos erros; algo que, apesar de todos os seus esforços para melhorar, escapasse dele; algo que deveria fundamentalmente evoluir para que ele pudesse encontrar uma resposta verdadeiramente positiva para sua crescente sede de transformação.

Por que existe esta tendência para sempre procurar novos estímulos? Insatisfação com a existência? Seria tédio por que os resultados parecem ser sempre os mesmos? Ou haveria uma influência externa que age sobre a humanidade? É bem conhecido nos meios científicos, esotéricos e filosóficos o fato de que as condições cósmicas, bem como os campos de irradiação onde se encontra nosso planeta, se modificam. O campo de vida da humanidade sofre a ação de novas irradiações, o que é resultado, principalmente, da passagem da Era de Peixe para a Era de Aquário. E é preciso que a humanidade se adapte a isto. O que para muitos era uma norma há muito tempo, agora já não acontecerá dentro de curto prazo. Aquário provoca uma grande desordem em todos os domínios, em razão de suas novas exigências. Problemas cada vez mais complicados pedem soluções: e todos os antigos métodos parecem estar fracassando. Na melhor das hipóteses, seus resultados são efêmeros e é preciso passar para novas soluções. Nossa época exige uma mudança estrutural fundamental, adaptada às novas condições de irradiação cósmica e inter-

cósmica. E a pergunta que todos fazem é: “Quais são estas novas condições e como podemos reagir a elas? Como descobrir o que é preciso fazer, sem voltar cegamente para os antigos métodos e autoridades? Como enfrentar-se com as influências destrutivas e obter novos e positivos resultados?”

SEM PODER CONHECER A SI MESMO

A falta de uma verdadeira resposta interior pode dar a impressão de que estamos afundando em areia movediça. O que um indivíduo pode fazer diante da luta pelo poder, das guerras, da solidão, da desordem, e assim por diante? Cegos e tateantes como se estivessem em uma noite escura, os humanos vagueiam pelo mundo, esperando que os dirigentes saibam mais do que eles.

Quando alguém percebe sua cegueira e descobre que ela é mantida artificialmente, é preciso fazer um esforço interior enorme para sair dela, para ver a verdade face a face e agir conseqüentemente. E ser perseverante!

Sempre parece que, em tudo o que fazemos, esta compreensão é prejudicada por inúmeras coisas que ocupam nossa atenção a cada dia. Parece que há uma resistência que quase nos impossibilita perceber e descobrir a profundidade das coisas. É como se uma tela coletiva invisível nos impossibilitasse de ver o interior de nosso próprio ser. Isto sem falar da possibilidade de ser objetivo. É como se a consciência - individual e coletiva - não quisesse perceber sua situação. Quem teria interesse em manter a humanidade em um caminho fácil,

A libertação de Andrômeda, a alma que aspira à união com o Espírito. Pégaso desempenha aqui o papel de Perseu (Gustave Moreau, 1826-1898).



em deixar que as velhas ilusões sejam sempre substituídas por novas ilusões, de tal modo que ninguém possa ver-se, claramente, como é?

ENCONTRO INTERIOR COM A MEDUSA

Quem desce ao mais profundo de si mesmo descobre que há dentro de si coisas tão penosas, tão intoleráveis que fica difícil encará-las. Os antigos gregos, que traduziam tudo sob a forma de narrativas, comparavam esta visão à da Medusa, monstro feminino que morava nos confins da terra. Sua cabeça era recoberta de escamas de dragão e seus cabelos eram serpentes vivas. Ela tinha presas de javali, mãos de ferro e asas de ouro. Todos os que olhavam seu rosto eram transformados em pedra.

A visão das profundezas do ser humano pode provocar um susto tão grande que bloqueia a força vital: tornamo-nos um pedaço de matéria, uma pedra. As escamas formam uma carapaça mental de inveja, de crítica que expulsa todas as energias sutis. A cabeça é dominada pelas forças da velha serpente que, vinda da consciência da bacia, faz com que os pensamentos sejam dirigidos por raciocínios tortuosos, sobre a conservação do eu e da vontade pessoal. Com a selvageria do javali que se

mantém custe o que custar remexendo com suas presas na lama astral, o homem se debate sem escrúpulo para se entregar a suas torpezas. Por causa de seus atos mecânicos, a vida tornou-se repetitiva, e já não passa de uma rotina que, com seu esforço férreo, mata toda e qualquer espontaneidade e autenticidade. Adicione-se a isto suas asas de ouro que foram feitas especialmente por seus falsos deuses e ilusões de um poder luciferiano, e teremos a imagem completa do monstro humano com toda a sua atrocidade. Este conjunto ultrapassa qualquer entendimento. O ser humano não tem força para encarar este monstro primitivo e fica sem resposta diante dos aspectos horripilantes de seu ser.

SEM PODER DEFENDER-SE

Conseqüentemente, ele se coloca em posição defensiva, dentro de sua impotência. Ele se rodeia de todo o tipo de construções e em seguida fica girando em falso, sem encontrar a saída. Com efeito, seja como for, para livrar-se do monstro ele deve vencê-lo, e isto sem olhar diretamente para sua face horripilante. Mas como fazer isto?

A personalidade humana não foi feita ao acaso. Ela tem entendimento e também dispõe de possibilidades para resolver seus problemas. Deve haver, portanto, um meio para acabar com estes aspectos negativos ocultos, um meio que não seja o combate direto, pois, neste caso, a força da besta aumentaria. Seria

Perseu vira o rosto para não ser transformado em pedra pelo olhar da Medusa (decoração de uma urna do século VII a.C).

preciso ignorá-los? Será que assim eles desapareceriam automaticamente? Não é tão simples assim. O poder da Medusa somente poderá ser rompido com a ajuda de um “Filho de Deus”. Os mitos gregos representam este aspecto divino por Perseu, o filho de Zeus e Danae.

A COLABORAÇÃO ENTRE DEUS E O HOMEM

Somente quem ultrapassa o humano, que portanto já ultrapassou os limites da consciência humana comum, está preparado para neutralizar e aniquilar a horrível Medusa. É com sua colaboração com a alma divina - colaboração que somente pode acontecer se ele perceber que é metade humano e metade divino - que o homem terrestre pode atingir o objetivo para o qual ele foi criado.

É de fundamental importância que o buscador da verdade reconheça que, por detrás de todas as máscaras, por detrás da carapaça das identificações, das imagens e das projeções, por detrás de tudo aquilo ao qual ele se agarra e que não é ele mesmo, por detrás de tudo o que dentro dele está partido, isolado, incompleto, há algo que pertence ao mundo do Olimpo: a unidade da perfeição absoluta.

COLABORAR SEM CONTRARIEDADE

Se o ser humano não passasse de um animal comum, não haveria proble-

ma. Ele se conduziria sem sofrimento, conforme sua natureza. Ora, como não somente a Medusa mora dentro dele, mas ele próprio é um semi-deus, estes dois elementos opostos o obrigam a lutar.

Logo que a Medusa é decapitada, uma onda de sangue corre de seu dorso, de onde se eleva Pégaso, o cavalo alado.

Se o elemento divino triunfa sobre o monstro da natureza dialética, uma energia dinâmica se desliga dele, e é capaz de elevar o homem até seu verdadeiro estado, que é o estado humano-divino. O que é necessário, em primeiro lugar, é o verdadeiro conhecimento de si mesmo, de Perseu, pois somente ele tem o poder de vencer a Medusa. A Rosacruz Áurea lança seu chamado nesta nossa época, quando muitos não podem resolver seu conflito interior. Sua tarefa é despertar, libertar e revivificar o elemento divino que está presente no buscador da verdade. Este elemento divino tem seu ponto de contato no coração, como uma semente que esperasse a luz do sol divino para germinar e desabrochar.

O buscador que, em um dado momento, se dá conta de que todas as idéias que passam por sua cabeça provêm das serpentes da Medusa - a voz do passado, do eu ilusório e das quimeras da matéria — descobre que daí não pode sair nada de bom. Ele aprende e percebe que é incapaz de alcançar a vitória sobre a Medusa por suas próprias forças. Todos os esforços da personalidade para extirpar o mal de seu ser conduzem, no final das contas, à

cristalização e à morte.

Os antigos rosa-cruzes diziam: “Jesu mihi omnia”, Jesus é tudo para mim — pois unicamente a força crística, o poder da Gnosis, pode resolver o problema fundamental da dualidade do homem. Se alguém ousar, com uma confiança absoluta, entregar-se ao Perseu que há dentro dele, terá ao mesmo tempo o poder de enfrentar a Medusa, pois é o escudo de Perseu que reflete a luz e cega a Medusa.

mundo uma força de imensa realidade e de dimensões múltiplas. A humanidade está preparada para um novo desenvolvimento em que a alma será o centro, a fim de se elevar, um dia, como Pégaso, rumo ao divino Sol do Amor.

NÃO FUGIR

Orientando-se por este objetivo e escolhendo com conseqüência as coisas que Perseu pode liberar, chega o momento em que ele começa o combate. A personalidade tem como tarefa principal ser receptiva, aberta: ter a confiança e colaborar. Dando lugar ao “completamente Outro” dentro de nós, perceberemos que estamos colaborando com ele, o que pode trazer uma sensação desagradável para a personalidade. O eu quer continuar sendo o mestre de seu próprio reino, e ele vai certamente protestar, pois sua existência está ameaçada. Ele sente angústia. É então que não devemos fugir diante do vazio que surge em meio ao silêncio.

O eu sempre teve tendência de preencher o vazio. Mas quem ousar confiar-se ao auxílio divino dentro de si terá o poder de perceber a voz original dentro de seu coração apaziguado e silencioso.

Sob a influência de Aquário, as ilusões desaparecem e uma corrente de amor chega até nós e espalha pelo

SIM, MAS...

“Tudo o que realmente é, é movido; só o que não é, é imóvel. Todo o corpo está sujeito a mudança, mas nem todos os corpos permitem dissolução. Nem toda a criatura é mortal, nem toda a criatura é imortal. O que pode ser dissolvido é perecível, o imutável que permanece é eterno. O que sempre de novo nasce, sempre de novo perece; mas o que de uma vez por todas veio a ser, nunca perece, tampouco se torna em outra coisa.”

*Hermes Trismegisto**

Tudo o que é percebido pelos sentidos está continuamente em movimento. Toda a criação está em movimento e todas as criaturas participam deste movimento, o que faz com que mudem de estrutura e de lugar. As galáxias seguem seu curso através dos espaços macrocósmicos. Os planetas giram em volta de seu sol central, os continentes vagueiam sobre a superfície do globo, as águas se precipitam para baixo ou se quebram contra os rochedos. As correntes de vento são como rios: às vezes selvagens, às vezes suaves e refrescantes. Os elétrons giram continuamente em volta do núcleo do átomo, que por sua vez gira em volta de seu próprio centro e em volta dos núcleos dos sistemas aos quais ele pertence.

Em cada criatura aflui a força original da Criação, que reúne partículas incensuravelmente pequenas, para fazer delas partículas mensuráveis, que reúnem átomos para fazer moléculas. E as moléculas se combinam de acordo com

seu tipo e sua natureza para formar elementos e matérias químicas.

A FORMA RETORNA À PURA ENERGIA

A terra, a água e o ar são feitos deste tipo de combinações de matérias químicas e constituem os elementos do planeta e de seus habitantes. Outros elementos, ainda desconhecidos, formam vias lácteas, galáxias, planetas, que, no final, retornam ao estado de partículas e depois ao estado de pura energia.

Os organismos vivos às vezes se revelam em minúsculos conjuntos de elementos. Encontramos formas intermediárias entre minerais e vegetais ou animais, entre plantas e animais, entre animais e homens. Eles constituem o conjunto da vida orgânica, ou biológica, sobre a terra.

Todo e qualquer movimento é mudança, e toda a mudança é vida. Tudo muda interior e exteriormente, durante milhões de evoluções cíclicas, formando um só e grande ciclo. Tudo muda, voltando à fonte original a partir da qual a Criação se realiza, e o homem se encontra neste processo, e ele é um conjunto de partículas mensuráveis e não-mensuráveis, um organismo biológico de carne e de sangue, uma criatura que tem um metabolismo e respiração que fazem com que ele se transforme a cada segundo, interna e externamente; uma criação abençoada, dotada de uma consciência capaz de perceber seu lugar e sua missão na “Dança de Shiva”.



A TENDÊNCIA DA VIDA É A ORDEM

A transformação também é crescimento, e o crescimento é renovação. Os elementos se reúnem para constituir formas vitais, organismos complexos, mas a causa disto é a consciência original, a fonte original da Vida. Transformação e renovação revivificam, dão outras percepções, outras possibilidades de aprender passando por constantes experiências diferentes. Cada consciência recebe impulsos para crescer e renovar-se. No homem, estes impulsos se traduzem por suas reações no domínio do pensamento, do sentimento e da ação.

“A tendência da vida é a ordem, mas a ordem não leva à Vida. A tendência do

amor é a união, mas a união não leva ao Amor.”

Vida, movimento e transformação se manifestam no crescimento. Da desordem, do caos, nasce a ordem, como uma manifestação da força que cria a vida visível, mas que não é esta vida visível.

Ao mesmo tempo, atua uma força que reconduz a criação ao vazio não-manifestado. Nos vedas, a força dupla que cria e que dissolve é simbolizada por Shiva, o conservador e o destruidor do Todo; em termodinâmica, o elemento destruidor é chamado de entropia. É um princípio que conduz tudo ao equilíbrio absoluto, ao nada absoluto.

Por mais que esta ação pareça dominar, ela está em equilíbrio com a força construtora. As forças de degradação

O Homem-Alma-Espírito descobre a imagem eterna do Criador. Baixo relevo egípcio do Faraó Senousret I e do deus Aton, décima-segunda dinastia.

são o pólo oposto das forças construtoras. Elas conduzem o consciente para o inconsciente e trazem o esquecimento. As formas compostas são decompostas; seu dinamismo se transforma em lentidão. A primeira força dá movimento e vida; a segunda, a morte. Nos textos antigos, elas são, às vezes, chamadas de “rio da vida” e “rio da morte”.

Estas duas forças agem no ser humano; elas se manifestam, entre outros casos, por seu caráter e determinam seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações. Todos os traços de caráter que bloqueiam uma verdadeira renovação são alimentados pela força que conduz à morte, não o fim da existência terrestre, mas a dissolução de tudo o que a consciência acumulou e construiu.

O que dá mais medo é principalmente o aniquilamento da consciência. Este medo da morte desapareceria, em grande parte, com a certeza de continuar a existir depois da morte.

Entretanto, é este medo da morte que impede muitos de aceitar uma verdadeira renovação, e eles continuam prisioneiros da morte perpétua. Eles morrem de medo da morte porque não conhecem quem poderia fazê-los sair deste círculo vicioso. Geralmente, por falta de conhecimento autêntico, eles não compreendem que estão buscando estabelecer incessantemente condições que lhes permitiriam realizar seu próprio ideal. Assim, eles fogem de sua verdadeira responsabilidade. Eles não compreendem também que estão colocando-se no centro de tudo, e por isso criam cada vez mais luta, a luta necessária para a auto-afirmação.

Os seres humanos utilizam a maior parte de seus traços de caráter, ou quase todos, positivos e negativos, para sustentar esta luta, para conquistar e manter seu lugar na natureza da morte. É por isso que ainda há tão pouco crescimento, tão pouca evolução, tal como Deus os concebeu. Ao contrário: há um

movimento circular contínuo na esfera da morte, e a eternidade se prende cada vez mais à morte para destruí-la. Ela reúne à matéria para fazer com ela uma forma que passe por experiências — e depois esta forma se desagrega. O que pertence à morte se volatiliza. O que pertence à Vida se perpetua.

O único modo de escapar deste moto contínuo é abandonar-se incondicionalmente ao rio da Vida, à verdadeira ordem, à realização da única verdadeira Vida. Este abandono supõe um novo comportamento, um comportamento de um eu que já não ocupa o centro, de um homem que enfrenta seu ambiente sem condições, sem nenhuma dúvida quanto à única verdadeira Vida. Em resumo, um comportamento que não implica nenhum “sim, mas...” que é expressão de dúvida e incerteza. Um comportamento incondicional frente à verdadeira verdade.

Um eu sem “sim, mas...” pode manter-se no rio da Vida. Um homem que não diz “sim, mas...” já não obedece cegamente a uma autoridade exterior: ele age pela consciência viva que está crescendo nele. Um homem sem “sim, mas...” poderá vivenciar a verdadeira evolução eterna e tomará o caminho do “Eterno Imutável”.

* *A Arquignosis Egípcia e seu chamado no eterno presente*, tomo II, páginas 57 e 58, versículos 16 a 20, Jan van Rijckenborgh, 1a. edição 1986, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil.

DA MULTIPLICIDADE À UNIDADE

“Busca, ó alma, adquirir o conhecimento absoluto das coisas aprendendo a conhecer sua forma e sua essência. Mas deixa de lado suas qualidades e sua quantidade, pois a Vida verdadeira, assim como sua essência, é una e eterna, e não há nada que se interponha entre ela e a alma.”

*Hermes Trismegisto**

Por que o mundo é assim? Por que os homens fazem assim? Ou, mais diretamente, por que sou assim? Por que faço o que faço? Por que existe sofrimento? Por que existe injustiça? O que é o amor? Onde está a harmonia? Todas estas perguntas, certamente, não são novas. O homem, olhando as estrelas, sempre procurou compreender o como e o porquê da criação. Mas, nos dias de hoje, quem chega ao final do processo de individualização, já não se satisfaz com fórmulas prontas e, como já as conhece, sente uma surda inquietação. Buda disse: “Mesmo que o mundo fosse tão belo como cantam os poetas ou como o pintam os artistas, aqui não encontraríamos a paz”.

A resposta para estas indagações não é difícil e nem complicada. Não se trata de usar a inteligência, como geralmente pensamos, enganosamente. As funções intelectuais sempre estão relacionadas com o tempo e o espaço. Depois da morte do corpo, o que resta são os pensamentos e sua expressão, em formas que não permanecem. E, se não prestamos nenhuma atenção a eles, eles desaparecem. Há pensamentos que podem durar mais, mas não são eternos. As idéias, as reflexões, os gos-

tos, as tendências, os sentimentos, as preferências, acabam-se apagando na poeira dos séculos. E isto é muito bom, pois muitas especulações, talvez muito interessantes em um dado momento, nada servirão para a eternidade.

UM ALIMENTO QUE VEM DA ETERNIDADE INSONDÁVEL

Muito acima das atividades mentais, está a fonte da vida. A vida penetra e engloba toda a criação, mas sem receber dela nenhuma influência. Da fonte, jorra a força que conduz a criação para seu objetivo. Esta força não se reduz a uma soma de preceitos: ela não permite o sucesso na vida pessoal; ela não é tangível, nem pode ser captada. Podemos apenas recebê-la e ela nos permite participar da verdadeira vida. Ela alimenta a alma, desde que a alma deseje ser alimentada por ela. É a fonte silenciosa, intangível, na qual a alma dolente pode matar sua sede para encontrar a fé e o consolo, e avançar no caminho até o bom fim.

A primeira condição é que a alma queira matar sua sede na fonte de vida original. Depois de ter perdido o rumo, ela deve optar pela volta. É por esta razão que dizemos que o mundo material não passa de uma morada provisória para a alma. Isto quer dizer que a alma está de passagem, que ela deve ir além, sem “dormir sobre os louros”. *“Na planície do desespero, jazem os ossos dos inúmeros que se sentaram para descansar. E, enquanto estavam sentados, morreram.”*

O homem é empurrado para a frente

e sacudido, até conseguir adiantar-se, rumo a sua meta, que é a unidade tríplice: do Espírito divino, da Alma imortal e do Homem transfigurado. Buda mostrou a angústia da alma aprisionada, comparando o mundo em que ela vive a uma casa prestes a pegar fogo: é preciso abandonar a casa.

Quem aspira a libertar sua alma é um passageiro neste mundo. Está aqui, trabalha aqui, faz o melhor de si, mas continua neutro em relação a tudo o que se passa dentro dele e a sua volta. Sua meta final não está incluída nos limites do espaço e do tempo. Ele não se entrega nem a uma elevação mística negativa, nem ao masoquismo. Ele se comporta com inteligência. Sua conduta testemunha sua paz interior, sua compreensão e sua fé verdadeira. E, quando ele encontra alguém que está angustiado, o ajuda como o bom samaritano e não como o fariseu.

A BUSCA DO CONHECIMENTO ABSOLUTO

Como a paz na terra é efêmera, ele não fica procurando aqui embaixo uma sociedade ideal dotada de uma estrutura em perfeito funcionamento. Certamente, ele consagra o melhor de suas forças a elevar o mais alto possível o nível da sociedade, mas este não é seu objetivo principal.

Quem vê a solução neste modo de considerar a vida, não deve hesitar em se submeter, a si mesmo e ao mundo, a um exame aprofundado. Hermes Trismegisto diz: *“Busca, ó alma, adquirir o conhecimento absoluto das coisas a-*

prendendo a conhecer sua forma e sua essência. Mas deixa de lado suas qualidades e sua quantidade”.

No mundo da multiplicidade, este é um trabalho sem fim: estudar as propriedades dos inúmeros seres e fenômenos. Cada resposta suscita uma nova série de perguntas; e também não devemos buscar a paz interior na multiplicidade das coisas, pois a “paz é leve como o vento”. Uma paz interior durável nasce justamente quando a alma se eleva para além da multiplicidade, para celebrar a unidade com seu Criador.

* *Hermes Trismegisto, O Castigo da Alma, Série Cristal, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1997.*

UNIDADE APARENTE E VERDADEIRA UNIDADE

A compreensão de que tudo é uno, em Deus e na natureza, mostra que a divisão dos humanos é uma ilusão. Aí está a tradução livre de um dos axiomas do filósofo liberal Baruch Spinoza (1632-1677).

Pode-se descrever o ego como uma unidade que pensa que está fechada sobre si mesma. A personalidade é habitada por um impulso comparável à força de gravidade, e o impulso vital se reduz ao instinto de conservação. É ilusório pensar que a autoconservação pode continuar, pois é antinatural agarrar-se a uma situação existencial que não passa de uma realidade passageira.

Em razão de sua natureza, o ser humano é impulsionado para a unidade. Aqui, o conceito de natureza não deve ser encarado como a natureza que os movimentos ecológicos tentam proteger. Esta natureza sobre a qual fala Spinoza está em seu estado original, ainda puro e virgem, em que o homem vivia em toda a sua inocência. Como o homem é um ser que precisa viver bem tanto na eternidade quanto no tempo, que portanto é ao mesmo tempo eterno e mortal, seu desejo de unidade se manifesta de modo deformado, caricaturesco.

OS SENTIDOS PERCEBEM O MUNDO COMO ALGO IMPERFEITO

A consciência deve acabar compreendendo a relação que existe entre a matéria e o Espírito: este é o próprio

fundamento do discernimento correto entre a vida e a falsa unidade. Sem uma compreensão exata, seremos facilmente arrastados pela ilusão de uma unidade aparente, determinada pelos sentimentos. O isolamento e as condições atuais de vida em sociedade, sofridas e difíceis, nos fazem fugir, sonhando com um passado romântico, ou para uma volta ao estado de unidade antes da queda, quando a natureza e o homem ainda repousavam em Deus. Mas uma volta destas não é fácil!

Em sua imaginação, o ser humano considera o mundo algo imperfeito, porque baseia suas esperanças e visões fantasiosas sobre as idéias do momento. Assim ele rejeita a realidade e não tem nem vontade nem capacidade para saber o que ele é, verdadeiramente. Deste modo, ele se priva da possibilidade de atingir a autoconsciência e sondar a realidade do mundo.

UMA LIGAÇÃO É UMA TROCA DE ENERGIAS

Com o passar dos séculos, os sonhos de unidade e de vida fraternal são sempre os sonhos da humanidade. Eles estão por trás das grandes utopias e dos ideais do coletivismo. Como nuvens gigantescas, eles vão deslizando diante do sol. O que começa com os sonhos de um escritor ou de um filósofo, evolui, por um processo metabólico, e se transforma em um movimento popular, um partido político ou uma experiência social. O que causa este metabolismo é o crescimento da idéia ou do belo sonho graças a todos os que

se unem, de uma maneira qualquer, como adeptos ou adversários. Estes dois grupos vão recebendo energia: os adeptos vão acreditando cada vez mais; os adversários vão reforçando sua oposição. Este belo sonho é alimentado por eles e os alimenta de volta, e assim eles vão-se mantendo, mutuamente. Depois, estes intercâmbios vão ficando cada vez mais rápidos e a nuvem vai-se tornando cada vez mais espessa em torno de suas consciências. Finalmente, a tensão se descarrega como uma tempestade e se dissipa, enquanto que os partidários e os adversários abandonam a questão: isto até o dia em que alguém revivifica uma imagem artificial e o processo recomeça.

Em nossos dias, entretanto, está surgindo uma concepção completamente nova da verdadeira unidade e o apelo favorável a ela está ressoando cada vez mais forte. Mas muitos se perguntam sobre qual unidade estamos falando e como poderemos atingi-la.

A CRIAÇÃO RETORNA A SUA ORIGEM

A verdadeira unidade eterna tem como fundamento a origem da criação. Jacob Boehme chama esta origem de “sem fundo”, que repousa totalmente dentro de si mesmo, em um silêncio e um encantamento insondáveis. A criação inteira retorna à origem, a Deus. O ser humano, graças a seus pensamentos e a seus atos, também deve retornar a sua origem, que está dentro dele como uma centelha divina cujo fogo está incubado em seu imo. A existência humana atual não passa de um simples fenôme-

no natural, mas, se alguém aprender a abandonar sua vontade à Vontade universal, que é de Deus, e quer manifestar-se nele, então passará a ter o poder de se reconciliar consigo mesmo e com o mundo. Nesse momento, ele estará pronto para voltar à origem da criação e repousar na unidade do Todo.

A REDESCOBERTA DA GNOSIS

Nesta senda, os seres humanos aprendem a participar da edificação da perfeita natureza divina, desde que aceitem todas as coisas, todos os fenômenos, todas as situações tais como eles se apresentam e que se adaptem à luz da eternidade. É exclusivamente no interior da natureza eterna fundamental, da qual todos fazemos parte, em princípio, que reside a verdadeira unidade.

Agora que esta nova compreensão encontra um eco cada vez maior, graças à descoberta da Gnosis como a terceira corrente entre a Ciência e a Religião, não é espantoso constatar que, simultaneamente, as antigas idéias de falsa unidade apontem sua cabeça. Bem no fundo da natureza humana se oculta uma força de resistência: resistência para se desligar de uma determinada situação, resistência para abandonar uma situação adquirida. Estas resistências estão em relação com a força de gravidade já mencionada, o instinto de conservação. É inútil lutar contra elas, mas, se for possível reconhecer as forças subjacentes, será possível neutralizá-las. É por isto que é bom examinar as causas e esclarecer o mecanismo delas.

A mulher do Apocalipse, ("envolvida pelo sol e tendo a lua a seus pés" (Johfra, 1965).

A resistência contra a "verdadeira unidade" geralmente toma formas refinadas e enganosas, imitando a unidade original, por exemplo. No passado, o Anticristo era o símbolo desta unidade aparente. Em um sentido mais estreito, designava-se Satã o destruidor do cristianismo. Satã significa "obstáculo". Com o passar do tempo, o medo ficou tão impregnado neste nome, e ele ficou tão carregado de visões grotescas, que é preciso falar sobre isto com a maior prudência, pois a última coisa que queremos fazer é despertar velhos fantasmas.

Portanto, uma postura bem rigorosa se impõe: Satã vive nas consciências

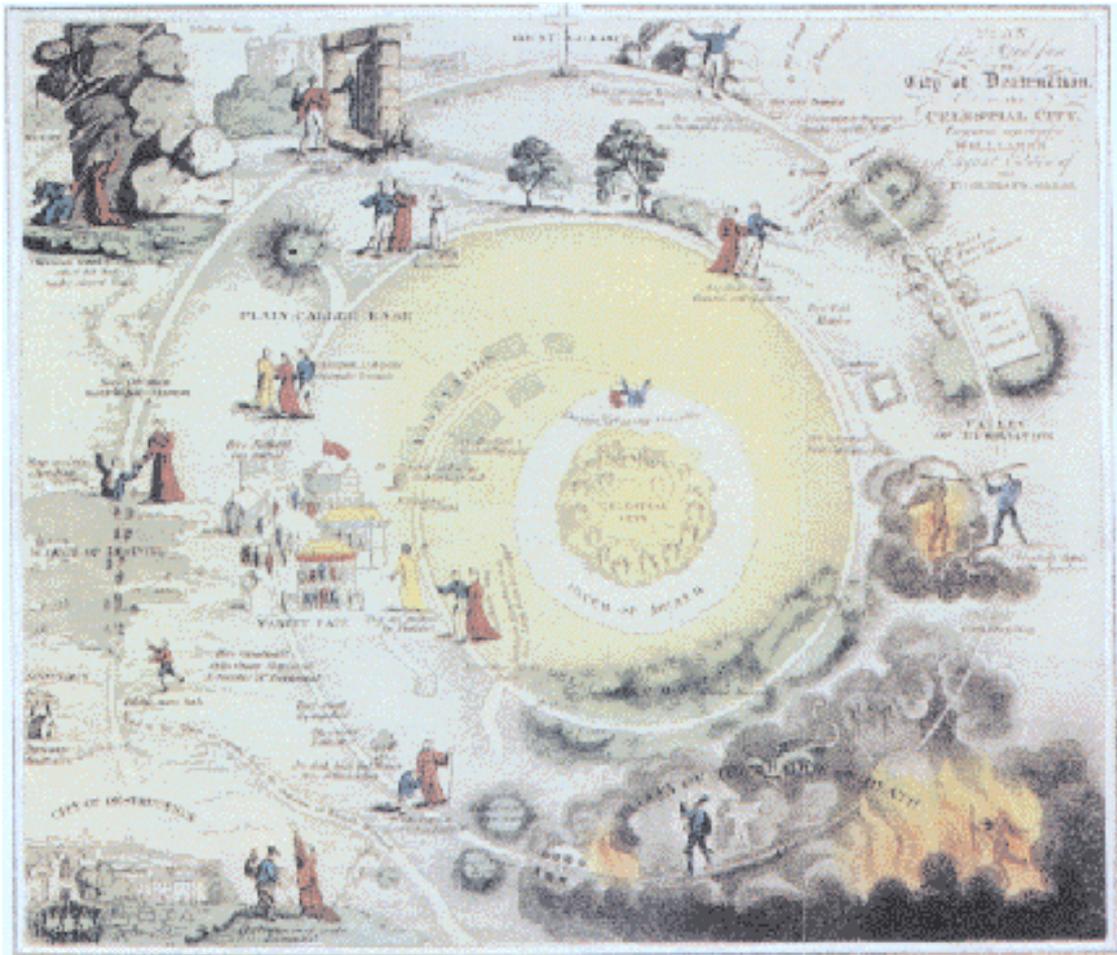
como "o adversário, o opositor", ou "o obstáculo". Ele existe e aí está por causa da imaginação e da fantasia humana. Portanto, ele é ao mesmo tempo uma realidade e uma ilusão. Na realidade, um conceito egocêntrico e artificial mantido pelo mundo e pela humanidade (a quem o opositor empresta sua força) representa a maior das ilusões. É por isso que é inútil ter medo dele. O opositor vive de nossos sonhos e de nossos desejos, que são o produto de nossas angústias reprimidas. E agora que está surgindo a nova consciência gnóstica, o opositor erguerá obstáculos mais convulsiva e desesperadamente, porque ele sabe que esta consciência vai acabar dando a ele o golpe de misericórdia.

O MANTO DO PSEUDO-AMOR

Para agir, Satã, o opositor, o obstáculo, se veste com o manto do pseudo-amor, sob o qual se oculta um egoísmo desmesurado. Sob a máscara de benfeitor, ele oferece à humanidade uma imitação de uma unidade concebida por ele, em um processo descrito pelo escritor e poeta Vladimir Soloviev (1853-1900) de modo muito penetrante e assustadoramente realista, em seu livro "Curta História do Anticristo", escrito pouco antes de sua morte. Atualmente, cem anos mais tarde, algumas de suas predições já se realizaram.

Soloviev enaltecia um ensino de orientação gnóstica conhecido sob o nome de "Sophiologia", e portanto inspirado na Sophia, ou Sabedoria. Ele acreditava em uma unidade que engloba tudo, uma unidade universal, e, para começar, aspirava a uma teocracia mundial que teria tido como origem a reunificação da ortodoxia russa e o catolicismo romano. Em seguida, inclinou-se para a fé em um cristianismo que escapava a qualquer crença ou igreja.





A INSTITUIÇÃO DE UMA TEOCRACIA MUNDIAL

Em seu texto, a unidade que o Anticristo preconiza como trampolim para sua atividade é de ordem política. Soloviev fala dela como dos estados unidos da Europa. O Anticristo, disfarçado em gênio benfeitor, é proclamado imperador. Apresenta-se a tendência para um ideal terrestre superior: a unidade das grandes religiões mundiais. Este é o objetivo do Anticristo.

Na Europa materialista há dois grupos distintos: o da maioria dos intelectuais, que não têm fé e vivem mais ou menos falsamente conscientes; e o de um pequeno número que restou de crentes que são, por assim dizer, contrangidos a fazer funcionar seu intelecto,

para satisfazer as palavras de Paulo: “Não sejais meninos no entendimento” (Primeira Epístola aos Coríntios, 14:20).

O Anticristo reúne as aspirações da massa inconsciente do primeiro grupo. Ele tem todas as características do opositor:

- ele saiu de um meio religioso,
- ele tem um certo gênio,
- é um pensador ou um escritor,
- ele age na sociedade.

Mas ele também está próximo do segundo grupo, pois Soloviev o descreve assim: “Consciente de sua grande força espiritual, ele sempre defende o que é espiritual com convicção. Ele vê claramente em sua inteligência a existência de tudo em que é preciso crer: o Bem, Deus, o Messias. Ele crê, mas ama apenas a si mesmo. Ele crê em Deus,

O peregrino a caminho da “Cidade Celeste” saindo da “Cidade do sofrimento”, *Pilgrim's Progress from This World to That which is to come*, Joyhn Bunyan, 1688.

mas, no fundo de seu coração, involuntariamente, inconscientemente, é a ele mesmo a quem dá a preferência”.

Seu caráter messiânico se revela quando ele começa a pensar que é o sucessor do Cristo, e assim fazendo, desvia o princípio joanita”, afirmando: *“O outro Cristo era meu precursor”.*

Aos 33 anos exatamente, acontece sua iniciação, não a da alma-espírito, mas a do eu superior, que representa a personalidade mortal. Seu medo de ser obrigado assim mesmo a se ajoelhar diante de Cristo transforma seu respeito em ódio. Desesperado, ele se atira do alto de um rochedo, porque acredita que o Cristo o acolhera por piedade. Socorrido por uma força sobrenatural, ele é obumbrado por este demônio que salvou sua vida, e cujos poderes, além da superioridade e do gênio próprios de sua personalidade, fazem com que ele fique pronto para começar sua missão.

Publica, então um livro intitulado *“Abertura da senda para a paz mundial e o bem-estar geral”.* É um tratado universal que resolve todas as contradições. Qualquer que seja a opinião do leitor, este as aceita sem ter de colocar em causa as verdades às quais ele adere, sem ter de se elevar acima de seu próprio nível. Assim se cumprem as palavras de Cristo: *“Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais; se um outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis”* (João, 5:43).

É que o Anticristo sabe se fazer aceitar, agradando a todos. Ele traz a paz mundial, não a espada. Um de seus primeiros objetivos é a satisfação geral. Ao lado do pão, é preciso a diversão. Disto se ocupa o mágico Apolônio, que alia a técnica ocidental mais sofisticada à magia oriental mais antiga. Ele tem o poder, por exemplo de atrair a eletricidade atmosférica e de dirigi-la de acordo com sua vontade. O ocultista técnico oferece à massa encantada toda gama de possibilidades.

A dupla mágica composta pelo Anti-

cristo e pelo mágico liga a massa incrédula pelo pão e pela diversão. A unificação e a submissão das diferentes crenças devem coroar sua atividade comum. Para chegar a isto, o Anticristo convoca em Jerusalém, no “Templo nacional para a unidade de todos os cultos”, um concílio geral, reunindo as três religiões cristãs mais importantes. Ele faz um apelo aos sentimentos e princípios que as animam:

- a autoridade espiritual, entre os católicos,
- a santa tradição, ente os ortodoxos,
- a convicção pessoal da verdade e o livre exame da Bíblia, entre os protestantes.

O ANTICRISTO É DESMASCARADO

O Anticristo surge como uma autoridade incontestável, um conservador dos valores universais e um novo doutor em teologia. Ele ganha o mundo inteiro para si, exceto Pedro, João e Paulo, representantes dos três grupos, que resistem. Então, ele é desmascarado.

Em sua cólera contra esta última resistência dos representantes das igrejas católica, protestante e ortodoxa, ele manda o mágico Apolônio assassiná-los. Somente o professor Pauli, teólogo que encarna os livre-pensadores, não é morto. Ele diverte o povo com o sensacional e o horripilante.

Enfim, os judeus, frustrados em sua espera messiânica e percebendo as verdadeiras intenções do Anticristo, conseguem vencê-lo em um campo de batalha. Pedro e João, ressuscitados, e Paulo, renascido, são protótipos da soberania espiritual do homem e contemplam a visão do Apocalipse: *“Uma mulher, vestida de sol, tendo a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça”* (Apocalipse, 12:1). É Sophia, a esposa celeste.

LUZ E TREVAS SE ANUNCIAM AO MESMO TEMPO

Um certo número de detalhes datam da época da narrativa de Soloviev. Assim, atualmente temos a tendência de considerar Satã mais como uma força do que como uma pessoa. Mas o que ele quis dizer é claro: o ser humano deve-se preparar para receber Sophia, a Sabedoria, quando ela se manifestar, e ao mesmo tempo enfrentar as atividades do opositor.

Aqui, é preciso acrescentar ainda um comentário. Nem Satã nem Sophia surgirão no futuro: eles sempre estiveram presentes e são bem reais. Quanto ao opositor, ele sempre se impõe ao homem sob a forma de uma série ilimitada de tentações que têm todas o mesmo resultado: a submissão ao reino das ilusões.

UMA ÚNICA CENTELHAZINHA DA NOVA COMPREENSÃO PODE ANIQUILAR O ANTIGO UNIVERSO

Sophia, ao contrário, é quem chama e espera por uma resposta espontânea. Se alguém responde com um profundo desejo de sabedoria e com a vontade de voltar incondicionalmente para o único Amor divino, então esta força pode começar a agir, mesmo de forma incompleta. Entretanto, esta primeira centelha de nova compreensão já é capaz de romper todos os laços com Satã.

Trata-se de reconhecer esta força opositora e de chamá-la por seu nome. De fato, quem coloca o “obstáculo”, o opositor, não pode atingir sua finalidade a não ser que suas forças e suas intenções sejam assimiladas de modo inconsciente pelos humanos. Seus objetivos reais estão como que latentes na massa. Para extirpar a própria raiz da existência mortal, é preciso ver conscientemente a força que está em sua

base, dentro de si mesmo e no mundo. Se alguém for capaz disto, poderá resistir a ela e dela desligar-se.

Mas há algo mais. O opositor mobiliza certas forças dentro do homem que este não conhece e que não pode libertar. Mas, por causa da luta, do conflito, o homem aprofunda sua compreensão sobre a impostura na qual a humanidade vive. Esta experiência o torna mais forte neste mundo, mesmo que, em razão da ligação com Sophia, ele saiba que já não é deste mundo.

Soloviev, depois de ter evocado a travessia do deserto de Pedro, João e Paulo, diz que, depois do desaparecimento do que já não é útil (as autoridades e as tradições espirituais) o que resta é o livre exame e o poder de discernimento pessoal.

Portanto, graças às forças opostas, o homem espiritual renascido torna-se soberano e, para ele, a única diretriz é sua autoridade interior, enquanto a tradição se transforma em um outro poder.

“SE TEUS OLHOS FOREM BONS...”

*“A candeia do corpo são os olhos. De sorte que, se teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luz. Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!”
(Mateus, 6:22)*

Esta passagem do Evangelho de Mateus coloca em evidência um aspecto desconhecido do olho. Não como um receptor de luz, mas como emissor de luz: a lâmpada do corpo é o olho. Esta lâmpada não faz outra coisa senão brilhar, pois se o olho é mau todo o corpo ficará nas trevas.

O homem é limitado pela luz que seu olho capta, ou seja, pelos fenômenos que acontecem a seu redor. Ele está habituado a identificar-se com mundo que o rodeia, com lado externo das coisas, o que se tornou cada vez mais importante. Este esplendor e este brilho mascaram sua pobreza interior. O que uma pessoa pretende ser, sua imagem, começa a tornar-se mais importante do que aquilo que ela é realmente.

A publicidade ilustra bem este fenômeno. Para um certo produto, trata-se de saber quem o utiliza e em qual ambiente. O fator qualidade é secundário. Existem até mesmo propagandas que mostram imagens atraentes sem falar nada do produto. Em resumo, o que se procura é convencer aqueles que olham o produto, desviando-os da realidade. A propaganda os convence a seguir uma nova fé, a fé na ilusão, ao mesmo tempo em que oculta a realidade. O olho “mau” não poderá dissipar a

ilusão deste mundo, pois ele não está completamente satisfeito com tudo o que vê. Deste modo, nenhuma luz verdadeira pode penetrar o ser humano como criatura microcós mica, e todo o seu corpo continua nas trevas.

A multiplicidade dos contrários é a marca do mundo dialético. Quase sempre, somente percebemos as diferenças entre os fenômenos e ninguém é capaz de vê-los como uma unidade. E não poderia ser de outra forma, pois o homem perdeu o contato com sua própria unidade e assim ficou condenado a conhecer a si mesmo dentro de um caos interior. Como ele comeu do fruto da “árvore do conhecimento do bem e do mal” e somente vê oposições, a “árvore da vida” tornou-se inacessível para ele.

O PODER DE ATINGIR A UNIDADE

Quando o olhar se volta do exterior para o interior, é possível comer o fruto da “árvore da vida”. O olho que quer-se tornar simples deve aprender a se desligar do mundo das oposições, e isto não é fácil. Primeiro, é preciso descobrir que, na natureza, cada força atrai uma força contrária. Para atingir a tranqüilidade, é preciso conseguir ter uma relação completamente diferente com a natureza. Se possível, é preciso deixar o mundo em calma para depois conseguir sua própria calma e é com este propósito que os frutos da “árvore da vida” nos vêm ajudar. De fato, este novo alimento, que provém de um outro campo de vida, concede a força de ultrapassar as oposições da natureza perecível e de seguir

em frente, em meio ao mundo, a caminho do mundo da unidade.

O homem traz a unidade dentro de si mesmo, e este único vestígio divino está sempre lhe dizendo: *“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa...”*. (Apocalipse, 3:20). Um novo rumo lhe será dado, para que ele possa sair do mundo dos opostos. Este rumo lhe trará a paz e apagará dentro dele os desejos deste mundo.

Surgirá para ele um novo preceito: *“Busca primeiro o Reino de Deus e todo o resto te será dado em acréscimo”*. Será estabelecida uma nova relação com o mundo: ele já não terá necessidade, como antes, de buscar o que é

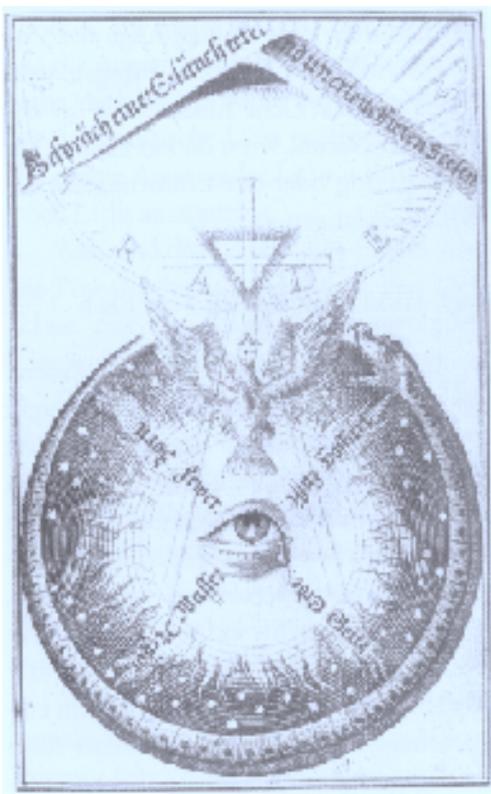
preciso para viver, pois isto lhe será oferecido. Ele receberá tudo o que necessitar para o crescimento da nova alma.

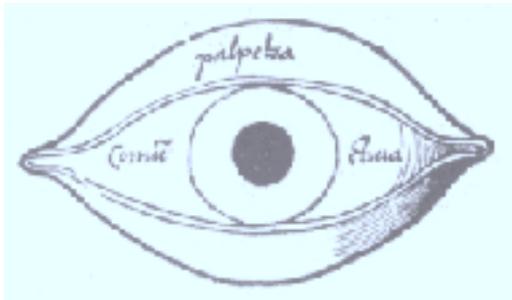
Ele entrará, assim, na primeira hora do Nuctemeron: *“Na unidade, os demônios cantam louvores a Deus. Eles perdem a maldade e a ira”*¹. E Jan van Rijckenborgh comenta: *“As tensões magnéticas, com todas as suas consequências naturais na natureza dialética, desaparecem e uma parte das linhas de força magnéticas que estavam acumuladas no ser aural desaparecem, transmutadas em harmonia e ficam à disposição do candidato. A outra parte destas linhas de força magnéticas é redirecionada ou eliminada do sistema, de tal maneira que já não sobra mais nada além da unidade.”*¹ Este texto fala de um estado em que todo o corpo é iluminado. A totalidade do corpo compreende aqui a personalidade quádrupla que habita o microcosmo. Neste sentido, o olho desempenha um papel central, pois ele reage à força astral e é ligado pela hipófise à cabeça e ao coração. Portanto, a maneira pela qual o olho vê determina a qualidade do corpo astral e do corpo mental. É por esta razão, também, que ele é chamado de *“espelho da alma”*. *“Pelos tálamos ópticos, as vibrações do sétuplo candelabro astral que brilha no santuário da cabeça são transmitidas ao olho. O homem “vê” de acordo com os impulsos transmitidos. Ele vê, ou se presta a ver, de acordo com seu estado magnético.”*²

Este pensamento vai ao encontro das concepções habituais segundo as quais a luz atravessa o olho e é reconhecida como tal pelo cérebro.

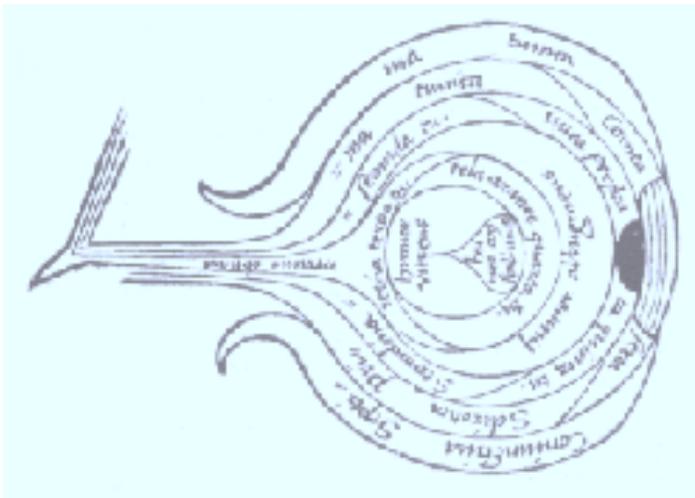
Jacob Boehme explica, em seu

Diálogo entre o olho esclarecido e o olho não esclarecido, Jacob Boehme, 1682.





O CAMINHO DA ESQUERDA E O CAMINHO CERTO



Em seu livro *Não há espaço vazio*, Jan van Rijckenborgh escreve: “Nosso organismo sensorial depende absolutamente dos cinco fluidos da alma no que diz respeito a suas atividades e a seus poderes. O estado de alma, que é diferente para cada pessoa, tem sua cor particular; portanto, é correto dizer que cada um vê e escuta de sua própria maneira. O olho direito está em relação direta com a pineal e a parte do cérebro que lhe é correspondente. O olho esquerdo, ao contrário, provém do pensamento cerebral comum, da inteligência comum. Todo o aparelho intelectual é explicado, regido e controlado pelos desejos. Pode-se dizer, portanto, que o olho esquerdo é dominado pelo fígado.

Nós vos dizemos isto para que vejais claramente que o homem que ainda não está ‘inflamado pelo Espírito divino’, que conseqüentemente ainda não abriu seu olho direito para a luz da Gnosis, em realidade é ‘caolho’. De fato, seu olho direito não pode servir para percepção interior, pois o acesso à parte do cérebro em que se encontra a pineal passa pela hipófise, que é o centro da alma (centro psíquico). No embrião humano, os olhos nascem do mais profundo da substância do cérebro. Portanto, enquanto a pineal não estiver aberta para a luz gnóstica, o olho direito não poderá nem perceber, nem acender esta luz³”.

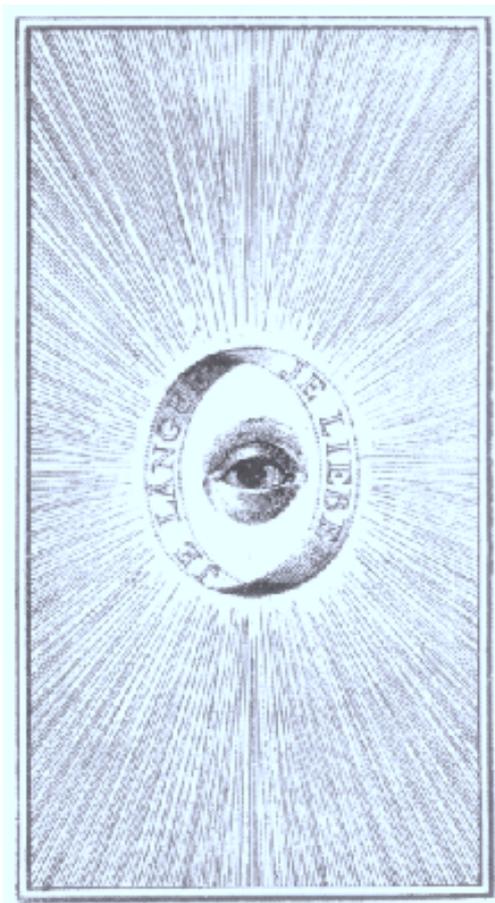
A realização da senda prepara a pineal para ligar novamente a pessoa que busca com a eternidade. O olho direito começa a enxergar na eternidade.

Diálogo entre o mestre e o discípulo: “Teu olho direito vê na eternidade. O olho esquerdo olha para trás, no tempo. Se te permites sempre olhar a natureza e as coisas do tempo, não atingirás jamais a unidade que tanto desejas. Deixa disto e fica atento. Não permitas a teu espírito que percorra o que é exterior ou que se satisfaça com isto; e não voltes teu olhar sobre ti mesmo... Não deixes que teu olho esquerdo te induza a erro, evocando a todo o momento uma idéia depois da outra; mas que teu olho direito conduza o esquerdo... E é somente levando o olho do tempo no olho da Eternidade e... descendo na luz da natureza graças à luz divina... que conseguirás atingir a unidade de visão, ou a vontade unificada”.

Segundo o sábio árabe Avicena (980-1037), o olho é composto de sete membranas que correspondem aos sete planetas do macrocosmo (*In Pretiosa Margarita*, de Grego Reisch, 1503).

Jacob Boehme, em seu livro *Aurora*, mostra o que o olho direito vê, se este olho for “simples”. O microcosmo torna-se capaz de ver; ele vê uma nova luz e é irradiado por ela. O microcosmo torna-se clarividente e novamente toma parte do mundo divino.

Se nosso olho for “simples”, ele atrairá novas forças astrais que farão de nosso microcosmo uma criatura luminosa.



“O olho que vê Deus é o olho com o qual Deus me vê.”, Mestre Eckhart.

1) *Nuctemeron de Apolônio de Tiana*, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1985, edição esgotada.

2) *A Gnosis Chinesa*, Jan van Rijckenborgh, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1994.

3) *Não há espaço vazio*, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, edição esgotada.

OS MILAGRES DO ANTICRISTO

“Quando o Anticristo vier, ele será exatamente parecido com Cristo. Reinará uma grande miséria, irá de país em país para dar pão aos pobres e terá muitos adeptos.”

(Dito popular siciliano)

No início do século XX, a sueca Selma Lagerlöf escreveu um livro intitulado “Os milagres do Anticristo”. Ela se inspirou em um conto siciliano segundo o qual duas estátuas, uma de Cristo e a outro do Anticristo, se encontram frente a frente em uma capela. Uma representa o verdadeiro cristianismo, a outra é uma imitação. Exteriormente, elas são idênticas, mas na coroa do Anticristo estão inscritas as seguintes palavras: “Meu reino é exclusivamente deste mundo”.

No texto de Selma Lagerlöf, a estátua de Cristo é roubada na basílica de Araceli (que quer dizer “altar do céu”) e substituída por sua imitação. Esta troca somente será percebida mais tarde, no momento em que esta estátua, sob a forma de um menino com lágrimas nos olhos, fica na frente da porta da capela, convidando o povo a entrar. Somente então o engano é descoberto, a capela se livra do Anticristo e este começa sua viagem pelo mundo para aí estabelecer uma imitação do cristianismo.

No início da história, a estátua de Cristo continua na capela. Os pobres e os ricos vivem juntos, todos no lugar que Deus lhes assinalou, pensam eles. Eles estão satisfeitos e partilham suas alegrias e tristezas. Reina a felicidade e o reconhecimento, pois eles trabalham, compram e vendem, comem, dormem, divertem-se e às vezes ficam tristes.

Mas, desde o momento em que o Anticristo faz sua entrada em sua sociedade, sua vida vai mudando, pouco a pouco.

A RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS HUMANOS

Um habitante da cidadezinha começa a adorar o Anticristo. Ele lhe suplica que resolva um grande problema. O pretendo Cristo dá a solução e todo o mundo festeja. Pouco a pouco, cada vez mais pessoas começam a acreditar no Anticristo, a colocar suas esperanças nele, e elas não se desapontam. O que há de mais agradável do que conseguir o que se pede? Do que pensar em um problema e conseguir que alguém o resolva? O falso Cristo dá tudo o que as pessoas querem, sem pedir nada em troca.

As pessoas mais velhas conhecem bem o nome de Selma Lagerlöf, que viveu de 1858 a 1940, e recebeu em 1909 o prêmio Nobel de Literatura. Em suas obras, ela descreve uma época bastante agitada. O socialismo acabava de surgir diante do materialismo e estas duas tendências logo se confundiram. Esta época também foi o tempo da “corrida do ouro” que fez com que os humanos mergulhassem um pouco mais na matéria. Muitos tentaram dar forma a seus ideais materiais e espirituais para tentar entrar a decadência em espiral da humanidade.

Selma Lagerlöf escreve que, para ela, o papel do Anticristo é desempenhado pelo socialismo. Logo de início, o leitor recebe um choque: mas o socialismo não seria um bom princípio? Ora, se examinarmos de perto os resultados práticos, percebe-se que eles sempre são seguidos de um novo descontentamento. A doutrina do socialismo foi inculcada nos homens e como que imposta a eles. Por isso, muitos sentimentos verdadeiramente sociais ficaram perdidos e todas estas tentativas para melhorar o destino dos indivíduos ocuparam o primeiro plano. É por isso que o cristianismo foi sendo esvaziado pouco a pouco de sua substância, pois o descontentamento não terá fim enquanto o ser humano viver centrado em si mesmo.

Somente no final do texto, quando quase todos os tipos de manipulações provocam o descontentamento e a insa-



tisfação de todos, que aparece alguém para mostrar-lhes que eles perderam a fé adorando o Anticristo e eles já não perguntam: “Meu Deus, o que queres que eu faça?” mas somente pediram de tudo para si mesmos. O Anticristo é desmascarado e a desilusão é terrível.

Que escolha faz o homem atual em um mundo em que todas as vantagens do socialismo já tomaram uma certa forma? Muitos viram a emergência e o declínio do comunismo. O comunismo, que deveria instaurar a igualdade de todos, mostrou-se pouco diferente do capitalismo: somente faltou dinheiro. Os dois sistemas ficaram muito próximos. O socialismo e o comunismo radical mudaram muito. Será que estas duas tendências sempre ofereceram “pedras em lugar de pão”, como sugere Selma Lagerlöf? Pode ser que muitos acabaram compreendendo que uma fé dogmática em um céu teológico ou no bem-estar material não fazem ninguém dar nenhum passo à frente rumo ao Criador. Como o homem acaba adquirindo o que pede, se o pedido vem de um puro cristianismo interior, o resultado será diferente daquele que foi obtido por quem sempre buscou mais bens materiais para seu próprio eu.

Não podemos negar que a inclinação por ideais voltados para o bem-estar da humanidade gera sentimentos e atos de solidariedade, mas, ao mesmo tempo, o outro prato da balança sente o peso. O “bem” que é feito neste mundo se transforma a cada dia em mal. Atualmente, neste final de século XX, os ricos vão-se

No alto, Marbacka, a casa de Selma Lagerlöf. À esquerda: Selma Lagerlöf quando tinha vinte anos.



tornando cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres. Onde estão os ideais do socialismo? Os idealistas de há algumas dezenas de anos, que propagavam seu ideal em favor de um mundo mais justo, já estão mortos. “Cada um por todos”... isto está bem longe, no tempo! Agora estamos mais para “cada um por si”! A Idade Média está voltando, o medo e a violência estão aumentando, bandos incontroláveis criam grandes problemas para os policiais. Tudo isto forma um terreno propício para chamar um salvador para auxiliar, alguém que prometa trabalho e pão (como Hitler), alguém que alivie os homens de seu fardo, de tal modo que eles possam respirar um pouco e se sentirem protegidos; alguém que garanta a paz. Mas, de fato, tudo isto é realmente possível na terra, onde tudo se transforma constantemente em seu contrário? O bem e o mal não são frutos da mesma árvore?

O homem que está pronto para renunciar a todos estes esforços e a seu eu, que é o motor que mantém em movimento estas forças opostas, encontrará a solução. Mas a advertência

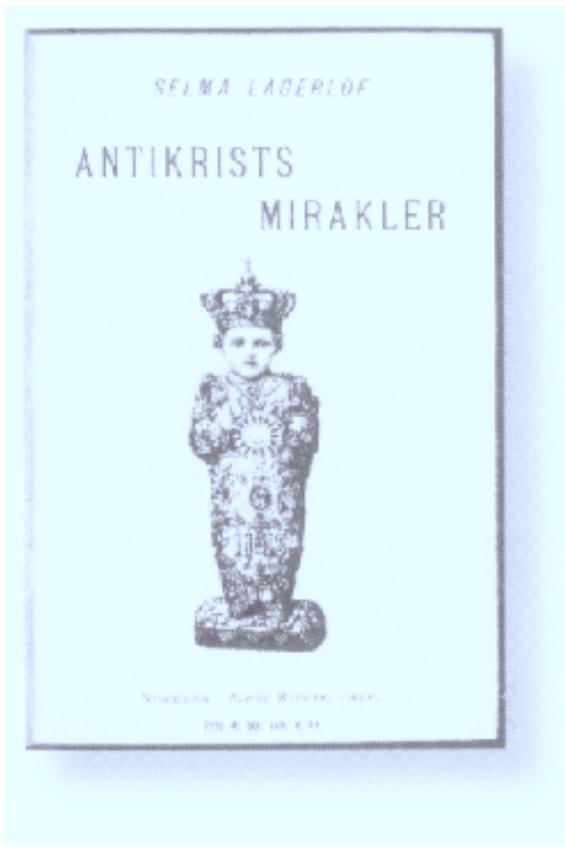
deste dito popular continua sendo muito atual: “Quando o Anticristo vier, ele será exatamente parecido com Cristo. Reinará uma grande miséria, e ele irá de país em país para dar pão aos pobres e terá muitos adeptos”.

Esta é a lenda de Gösta Berling, que tornou célebre Selma Lagerlöf. Este livro foi traduzido em inúmeras línguas e lido em quase todo o mundo. O livro *As lendas do Cristo* também foi traduzido em 33 línguas e sempre está ganhando novas edições. Estas obras, de grande beleza, são cheias de humanidade, indulgência e delicadeza. Sua compreensão da alma da criança é tão rica e profunda que suas idéias ainda têm grande valor. Suas narrativas e seus romances acontecem “em um outro tempo”. Sem dúvida, é por isso que eles são tão emocionantes e reconfortantes para nossa época tão direcionada para a sobrevivência e glorificação do eu. Selma Lagerlöf põe em cena personagens de tal integridade que ela ficou quase desconhecida em nossos dias. Suas palavras podem-nos provocar as seguintes perguntas: O que é a integridade? Ainda sou íntegro?

Aos sessenta e oito anos, juntamente com muitos outros artistas suecos, o jornal “Söndagsnisse Strix” lhe fez a seguinte pergunta: “Se, um belo dia, com a idade que tem, a senhora se encontrasse consigo mesma aos vinte anos, como seria este encontro?”

Selma Lagerlöf respondeu: “Espero, de todo o coração, que este encontro inverossímil não aconteça! A Selma Lagerlöf de 1880, que era uma pessoa jovem e ambiciosa, dotada de uma autoconfiança ilimitada, teria naturalmente começado a conversa me perguntando se, com sessenta e oito anos eu já tinha escrito algum drama que

Capa da edição holandesa de Jerusalém, decorada com rosas e uma cruz.



ultrapassasse os de Shakespeare. Como eu teria de responder-lhe negativamente, a próxima pergunta seria, certamente: já fez poemas comparáveis aos de Goethe? E aí também eu seria obrigada a dizer não. Se teria composto uma epopéia à altura da Odisséia? Também desta vez nenhuma resposta seria afirmativa. Nesse momento, eu teria, sem dúvida, observado que esta jovem pessoa de vinte anos achava que eu havia utilizado mal meu talento, e eu não teria a coragem de lhe dizer que de qualquer forma, já escrevi alguns romances e novelas. 'Romances e novelas!' teria ela gritado, 'eu já os escrevi com doze ou treze anos! Mas eu parei, todas as obras em prosa envelhecem dez ou quinze anos. Eu não escrevo para o presente, eu quero escrever para a eternidade!' Não me assusto pelo fato de ela ter desprezado minha produção, mas fico com lágrimas nos olhos quando penso na jovem corajosa e na grande confiança que eu tinha"

"Os Milagres do Anticristo", primeira edição sueca de 1897. Abaixo: Selma Lagerlöf em 1931.

No tempo de Selma Lagerlöf, as idéias do socialismo estavam surgindo. Em 1776, o economista escocês Adam Smith escreveu "Pesquisas sobre a natureza e as causas da riqueza das nações". Neste livro, ele defende o princípio da livre empresa, que Karl Marx qualificará de capitalismo. Basicamente, a idéia socialista estava alicerçada na distribuição igual de riquezas que a natureza coloca à disposição dos homens. O socialismo lutava para instaurar uma sociedade sem classes onde cada um serviria a todos. Em um certo sentido, é uma variante materialista do cristianismo. Sem dúvida, foi a partir daí que Selma Lagerlöf fez um paralelo entre o cristianismo e o socialismo (o Anticristo). De fato, o socialismo promete as mesmas coisas que o cristianismo, porém no plano material.



MIL COISAS CRIAM OBSTÁCULOS À VISÃO DA UNIDADE

Todas as formas materiais ou imateriais que conhecemos têm um princípio central do qual procede sua forma específica. Este centro desempenha o papel de motor: é uma força de propulsão subjacente e interior, presente em cada forma.

A roda, com seu eixo e seus raios, representa bem esta atividade. Ela somente pode girar em torno deste eixo. Sem ele, sem este centro, não pode haver movimento; e a vida sem movimento leva, invariavelmente, à cristalização; e a cristalização conduz à morte. Assim, uma roda que não gira torna-se, aos poucos, inútil. É preciso que sempre haja movimento, pois o movimento significa mudança, vida!

A direção e a vitalidade deste movimento se encontram no princípio central. Assim, cada ação consciente implica na projeção de fortes imagens mentais. Quanto mais a projeção mental for poderosa, a forma se apresenta com mais força e sua vivificação é mais enérgica.

A questão crucial é, entretanto, saber qual motivo, qual impulso se encontra

na base do pensamento projetado, e portanto que força gerou este pensamento. O impulso vem do princípio que tudo unifica, e que é a centelha divina do coração? Ou será que as forças opostas fazem do coração um campo de batalha?

No último caso, aumenta a multiplicidade, ou, como diz o filósofo chinês, a multiplicação das mil coisas que fazem obstáculo à unidade.

O segredo reside no coração, neste coração visto como um universo em ponto pequeno, como um círculo, uma roda com um eixo. A chave se encontra na consciência. Se a consciência se mantiver no círculo mais externo, que é o movimento das mil coisas, somente conseguiremos supor o que é a existência possível na unidade, somente poderemos desejar a unidade. Daí se instaura o movimento do exterior para o interior.

Entrever a unidade pode-se transformar em uma experiência de unidade e uma vida baseada na unidade se a consciência se deslocar para o centro do círculo. Então, a unidade irradia do interior para o exterior, e o princípio central, a unidade, engloba a multiplicidade.

VIVER NA SIMPLICIDADE DE CRISTO

“Deus está na sublime semelhança e não no espírito das estrelas e dos elementos; ele nada possui além de si mesmo em sua própria semelhança. E mesmo que ele possua algo, somente compreende aquilo que nasceu e emanou dele: a alma à semelhança de Deus. É por isto que tudo o que escrevo é parecido com o que escreve um aluno que vai à escola. Deus conduziu minha alma a uma escola maravilhosa, e eu realmente não posso admitir que meu ego possa ser ou compreender alguma coisa.”

Neste mundo de informação ilimitada, será que Jacob Boehme (1575-1624) ainda tem algo a dizer aos homens modernos, que já sabem de tudo? Qualquer pessoa que parta deste ponto de vista terá pelo menos um sorriso de complacência lendo os textos e pensamentos deste simples sapateiro de Görlitz na antologia de suas obras intitulada *Viver na simplicidade de Cristo**. Mas quem, hoje, ainda fala tão convincente e profundamente de Cristo, de Deus e do Espírito Santo?

A teologia, o materialismo e as ciências, conduziram a humanidade ao mais baixo ponto de seu desenvolvimento. Ódio, violência, guerra, genocídio fazem parte integrante da vida cotidiana. Pesquisas demonstram que o budismo é, atualmente, a religião que está-se expandindo mais rapidamente no mundo ocidental. Pode ser que a imagem de Buda, sentado em posição de lótus, com um sorriso sereno em seus

lábios, seja mais inspiradora para os que buscam do que a de Jesus sofrendo.

SIMPLICIDADE: CARACTERÍSTICA DO VERDADEIRO?

“Viver na simplicidade”, conforme escreve Jacob Boehme, é um conceito que se apresenta completamente diferente em 1998. A prosperidade aproxima os modos de vida de inúmeras culturas diferentes e há tal excesso de coisas materiais que a simplicidade é novamente percebida como “a característica do que é verdadeiro”. Mas será que uma decoração interior sóbria, quase vazia, com uma única e bela obra de arte... e todo o conforto, testemunham esta simplicidade descoberta por Jacob Boehme?

“Não escrevo para aqueles que estão imbuídos de preconceitos, que compreendem e sabem tudo mas que no entanto não sabem nada, pois eles já estão satisfeitos e ricos, mas sim para os simples como eu, e assim me alegro com meus semelhantes.”

Qualquer pessoa que tente captar algo da sublime verdade que Boehme quer transmitir a seus semelhantes deverá, portanto, se alistar entre os simples; somente assim ficará, talvez, esclarecido o que ele quer dizer por palavras e conceitos como Deus, Espírito e Cristo.

“Ninguém deve pensar mais a meu respeito além do que está vendo aqui, pois a obra de meu trabalho não é

Página de rosto da primeira edição inglesa de Aurora, publicada em 1656, em Londres, e à venda na The Black-Spread-Eagle at the West-End of Pauls.

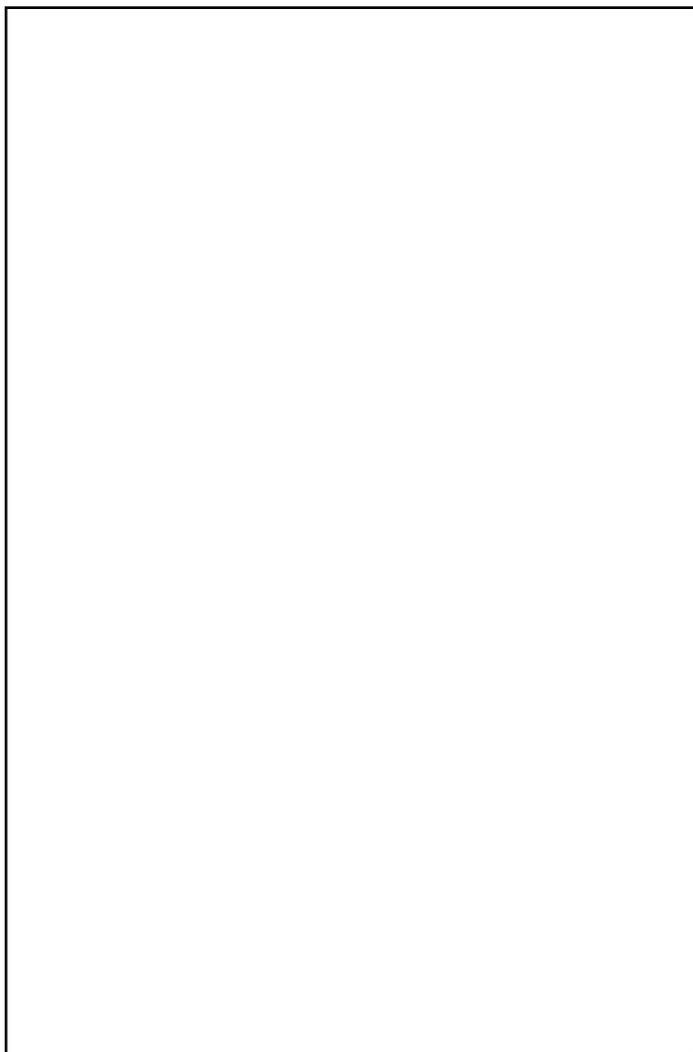
minha, ela não me pertence a não ser na medida em que o Senhor concedeu. Sou apenas seu instrumento, com o qual Ele faz o que quer. Digo-te isto como uma advertência, a fim de que ninguém tente encontrar em mim um homem que não sou, como se eu fosse um artista e fosse dotado de grande inteligência.”

ANIQUILAMENTO DO ANTIGO OU ELEVAÇÃO EM UM NOVO MUNDO?

Portanto, não se trata de um estilo de vida sóbrio e moderno, de nenhuma obra artística ou científica. Jacob Boehme deseja que seu leitor seja um buscador, alguém que aprenda todos os dias e cada vez mais a renunciar a seus próprios desejos. Alguém que, aberta e honestamente, a partir da infinita variedade da vida cotidiana, queira penetrar até a “Vida na simplicidade de Cristo”.

Quem era Jacob Boehme, na realidade? O que este homem tinha a dizer a sua época? E o que podemos aprender com ele?

Jacob Boehme nasceu em 1575, em Alteseidenberg, uma cidadezinha situada ao sul da cidade alemã de Görlitz, na fronteira polonesa. Sua data de nascimento fica no meio de um período muito movimentado, compreendido entre o início da Reforma (1517) e a atrocidade da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). As pessoas que tinham espírito conservador estavam preocupadas com a derrocada do mundo, com a vinda do Anticristo e com o anti-papismo, enquanto que os livres-pensadores se interessavam por um novo mundo que



pudesse oferecer novas possibilidades à humanidade.

UMA TERÇA-FEIRA DEPOIS DE PENTECOSTES...

Jacob Boheme, piedoso e sério, nasce em um mundo em que as comunicações ainda estavam submetidas às limitações da distância. Ele se tornou aprendiz de sapateiro, formou família e exerceu sua profissão. Nisto, ele não era nem um pouco diferente de seus semelhantes. Em seu livro *Aurora*, a aurora nascente (A raiz da filosofia, da astrologia e da teologia, escrito em Görlitz, na terça-feira após Pentecostes, no ano de

1612), ele descreve como, por quatro vezes, ele foi tocado pela luz. Na segunda vez, ele pode “lançar um olhar até o fundo mais íntimo ou centro da natureza oculta”. As idéias que ele tirou daí não cessaram de se confirmar, pois a cada dia ele encontrava no coração as maravilhas do Criador perfeitamente claras e abertas através de tudo o que foi criado.”

A VERDADE EM PALAVRAS

Sua alegria por estes toques era grande, mas ele mal falava dela, se bem que tentasse descrevê-la por si mesmo ou com a ajuda de alguns amigos. Segundo ele, isto não era fácil. Tratava-se de verdades universais que sempre foram válidas, mas que são difíceis de serem expressas por palavras. É que elas têm de ser experimentadas. Jacob Boehme estava perfeitamente consciente disto. “As palavras matam a viva corrente divina.” E ele lutou para traduzir esta força viva, pois ele queria servir-se da linguagem tão somente para descrever suas experiências, mas principalmente para transmitir a Verdade viva e fazer com que seus semelhantes pudessem senti-la.

Em 1613, um manuscrito caiu entre as mãos do pregador de Görlitz, Gregoire de Richter. Depois do ofício religioso, em que Boehme foi atacado do alto do púlpito, ele esperou o pregador para perguntar-lhe quais eram os pecados que ele havia cometido e como ele poderia remediar isto. A resposta foi somente uma reação furiosa, e assim começou uma campanha de ódio contra o “filósofo teutônico”.

As idéias de Boehme eram diametralmente opostas às convicções religiosas da época. O que despertou mais a oposição e o ódio foram principalmente seus escritos sobre a vontade oculta de Deus e a vontade do homem. Boehme considerava a força crística como mediadora na relação entre Deus e o homem. Cristo era o poder que permitia a reconciliação do homem, que se tornara novamente humilde com seu Criador.

○ AUXÍLIO DIVINO NÃO É EXTERIOR, MAS SIM INTERIOR

Neste processo, Boehme não coloca o mediador em uma região celeste indefinida, mas dentro do próprio homem. Ele fala de experiência própria, pois ele havia encontrado este poder dentro de si mesmo, sem ajuda de nenhuma instituição, pessoa ou texto. Estes assuntos o aproximavam da tradição mística de Mestre Eckhart (1260-1327/29), Jan van Ruysbroek (1293-1381) e Thomas A’Kempis (1379-1471). Suas experiências não-dogmáticas suscitaram reações, como acontece com todos os que buscam a verdade: processos, perseguições, campanha de calúnias, banimentos, prisão. Nada lhe foi poupado. Além disto, proibiram a publicação de seus escritos.

Jacob submeteu-se durante sete anos a este veredicto, e depois reuniu em torno de si um círculo de simpatizantes para esclarecer certas passagens da “Aurora nascente”, a pedido de alguns amigos.

Ele chamou este grupo de “Escola do

Pentecostes teosófico”. Com auxílio de imagens e de conceitos tirados da Bíblia, da astrologia e da alquimia, Boehme tentou fazer com que eles partilhassem com ele a compreensão da relação eterna entre Deus, o homem e o mundo. Seus escritos circularam exclusivamente em pequenos cenáculos.

Em 1619, ele vivenciou um novo impulso de luz e nos cinco últimos anos de sua vida ele escreveu trinta livros e mais de cem cartas, cerca de quatro mil páginas, no total. Nesses textos, ele fala do fogo oculto que brilha dentro dele e das dificuldades que encontra em traduzir suas experiências por meio de palavras. Cada novo texto foi sendo seguido por interrogatórios, ameaças e afrontas.

Além disto, Jacob Boehme reagiu em conformidade com suas idéias sobre as razões pelas quais Deus permite o sofrimento neste mundo:

“Pergunta: a razão fala: Por que Deus criou a vida sofrida e dolorosa? As circunstâncias da vida não poderiam ser melhores, sem sofrimentos e tormentos, posto que ele é o começo e o fim de todas as coisas? Por que ele tolera a oposição? Por que ele não faz com que o mal desapareça, posto que ele é o Único Bem em todas as coisas?

Resposta: Uma coisa não pode aprender a se conhecer sem oposição, pois, se ela não tivesse nada que lhe oferecesse resistência, continuaria indefinida e não se voltaria para si mesma. E se ela não voltasse para dentro de si mesma, lá de onde ela provém em sua origem, ela nada saberia a respeito de seu estado. Se a vida natural não conhecesse oposição e se ela não tivesse nenhuma finalidade, ela jamais se perguntaria a respeito das profundezas de onde ela saiu; assim, o Deus oculto continuaria desconhecido para a vida natural.

A OPOSIÇÃO INEVITÁVEL É NECESSÁRIA

Por mais que tenha sofrido profundamente o “furor satânico” de seus perseguidores, que nada compreendiam de seus textos, Boehme continuou sendo clemente, pois sabia que a oposição é inevitável e necessária. Dizem que ele teria dito um dia que seu “inimigo” preferia um bom copo de vinho a uma discussão sobre o renascimento em Cristo.

Até sua morte, em 1624, este grande místico e filósofo foi ignorado pelo clero oficial. Recusaram-lhe um túmulo e uma homília. Jamais foi publicado qualquer aviso de falecimento.

Ao lado de todos estes ultrajes, ele também teve reconhecimento e estima. Na corte de Dresden, liam seus textos. Por mais que eles fossem oficialmente proibidos na Alemanha, eles seguiram seu destino até os buscadores, por intermédio de inúmeros simpatizantes de outros países. O negociante holandês Abraham Willemszoon van Beyerland desempenhou um papel importante na impressão e na difusão de sua obra.

A VIDA “EM DIVINA OFERENDA”

A influência de Boehme sobre o espírito dos europeus ocidentais é inegável. Príncipes, sábios, filósofos, teólogos, esotéricos, todos se debruçaram sobre sua obra e aprenderam muito, sendo influenciados por elas. Entre eles, nomes célebres: Leibnitz, Spinoza, Hegel, Schopenhauer e Newton. Boehme teria, sem dúvida, ficado bem espantado em saber que tantos grandes espíritos puderam dizer que eram seus discípulos, pois ele não se considerava nem um mestre nem um pastor, nem um ser excepcional! Ele viveu muito lucidamente, em “divina oferenda”, e transmitiu suas experiências e percepções àqueles que eram receptivos a elas. É assim que tentou levar seus semelhantes ao renascimento pela força de Cristo, acontecimento interior não ligado ao tempo ou a dogmas. No decorrer de quatro séculos, ele deu uma nova esperança a muitos. Assim, descobriram que o homem leva duas vidas: a do homem biológico que se constrói com ajuda de inúmeras forças naturais, e a vida cuja essência tem por origem o Criador. Somente poderemos atingir esta última graças ao renascimento pela força crítica universal, processo que se desenvolve no homem interior. O homem da natureza deve diminuir cotidianamente para finalmente se aniquilar a fim de que o ser de essência divina desperte.

Jacob Boehme não considerava Cristo como uma pessoa, mas como uma força recriadora. Uma força una, “simples”, que é preciso ser admitida no

coração: a única força que sempre foi, é e será. É a partir desta força que se desenvolve a “verdadeira vida” que Jacob Boehme designa pelas seguintes palavras:

“Viver na simplicidade de Cristo”.

* *Levend in de eenvoud van Christus (Anthologia das obras de Jacob Boehme), Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1998.*

ESCOLHER OU SER ESCOLHIDO MAS PODEMOS AINDA ESCOLHER?

“Eia! Desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra.” Esta passagem da Gênese (11: 7-8) é tirada do capítulo intitulado A Torre de Babel.

Vivemos em um tempo de abundância e confusão. O homem atual se encontra não somente face à confusão das línguas da Torre de Babel, isto em razão da rede de comunicação mundial, mas também a afluxos crescentes de informações às vezes úteis mas, na maior parte do tempo desprovidas de sentido, que atingem pelo som e pela imagem, e entre as quais é preciso fazermos uma escolha. A Internet é uma fonte quase ilimitada de informações que abrange o mundo inteiro. “Quem recebe excesso de informações já não tem o que indagar”, declarou um jornalista, a partir de suas próprias experiências.

Desde manhã e até a noite, a rádio e a televisão derramam suas informações e suas imagens nas orelhas e olhos de milhões de ouvintes e telespectadores. Emissoras regionais, nacionais e internacionais enchem o éter com suas informações e disputam as melhores ondas. Podemos dizer o mesmo a respeito dos jornais diários, semanários e edições opinativas. Algumas edições de final de semana quase nem conseguem caber nas caixas de correio. Dezenas de páginas “consumíveis” aterrissarão na segunda-feira, talvez até antes, na lata de lixo. Pesquisas mostraram que 60% do conteúdo destas edições não são

lidos. Será que não há um exagero de informações? Os experts partem do princípio de que o cérebro faz, de fato, uma seleção mais ou menos cuidadosa e retém apenas 20%. Ele joga fora o restante ou simplesmente se recusa a deixar entrar!

SELEÇÃO DE INFORMAÇÕES

Escolher é uma das coisas mais difíceis e a questão de saber se o homem ainda pode escolher livremente é extremamente atual. Um supermercado já oferece 15.000 produtos diferentes. Todas as semanas aparecem novas sobremesas com gostos inéditos, um refrigerante atraente. Ao ato de escolher alguma coisa no meio deste mar de ofertas chamamos, nos países ricos, “fazer compras”: e esta é uma ocupação necessária para milhões de pessoas.

A oferta de escolas e universidades também está cada vez mais ampla. A publicidade leva o estudante a fazer sua escolha, com folhetos luxuosos que atraem sua atenção para aprender tal ou tal especialidade, em tal ou tal lugar. E exige-se cada vez mais cedo que os estudantes tomem sua decisão, mas a escolha está ficando cada vez mais difícil. Nestas condições, será que não podemos fazer uma analogia com o mito da Torre de Babel e da confusão das línguas?

Em 1998 foi publicada, na Holanda, uma enquete sobre religião: sua conclusão principal era que as igrejas estavam perdendo rapidamente terreno, embora as pessoas sejam efetivamente “crentes”. As novas religiões e filosofias, sem

contar a corrente da “Nova Era”, progrediram muito nos últimos dez anos. Por que este excesso de informações em tantos setores? Seria uma consequência do crescimento do individualismo, ou de um processo de desenvolvimento da consciência? Em nossos dias, todos querem ter suas próprias pequenas idéias, um carro de modelo especial, uma casa personalizada, uma formação especializada.

O que é curioso é que esta tendência a endeusar a personalidade segue paralelamente com um processo de nivelamento que diz respeito à quase totalidade do mundo. Livros, filmes, teatros, televisão, tudo isto está mergulhado na mesma atmosfera, em âmbito internacional.

CULPA E ISOLAMENTO

Um jornal matinal saiu com um suplemento intitulado: “O estado mental da Holanda”. Na introdução, lia-se: Neste ano, pela primeira vez, mais de mil holandeses terão 100 anos, contra os quinhentos de doze anos atrás e os trinta de há um século. A vida eterna está próxima. Mas, agora que temos tudo, que podemos tudo, a culpa e o isolamento começam a nos atormentar”. O tédio toma conta de nós, o vazio interior nos leva a buscar distrações, procuramos estimulantes cada vez mais fortes para expulsar o tédio. E o jornal continua: “Música e dança estão aí para nos divertir, a igreja nos garante os dias de festa... Mas, onde está a felicidade permanente?” Esta é a pergunta final que não tem resposta, mas que é fundamen-

tal.

COMO FICAMOS, NISSO TUDO?

A pessoa que se examina de modo crítico, pode acabar descobrindo com espanto que, apesar de seus princípios, suas abstenções e suas boas intenções, ainda propaga involuntariamente o modelo da sociedade de consumo. Neste sentido, muitos, como ratos ou hamsters em sua roleta, ficam girando e girando sem fim, fazendo o jogo dos aproveitadores e dos caça-bobos, sem restrições, comprando todo o tipo de artigos, necessários ou não, sem poder fazer de outro modo. O desejo de possuir cada vez mais não criou mais felicidade. A qualidade da vida em sociedade não melhorou. Mas será que podemos encontrar uma estabilidade e uma qualidade de vida melhores do que isto?

O escritor holandês Henri Borel (1869-1933), que trabalhou durante muitos anos como intérprete na China, escreveu, no início do século: “O Espírito da China”, livro em que ele dá a palavra a Tchuang-Tsé, um sucessor de Lao-Tsé, que expõe como conseguir uma vida melhor:

“Cada coisa manifesta Tao por sua existência, sua vida; pois Tao é a unidade na mudança, a unidade que mantém ao mesmo tempo a multiplicidade das coisas e os instantes que se sucedem na vida. É por isso que o homem que percorre seu caminho sem mudanças não é a manifestação completa de Tao, mas sim aquele que, graças a uma mudança muito importante, se une dentro dele à mais pura unidade. Há dois

tipos de vida. A primeira é a vida comum, a usura até a extinção; a segunda é a transformação eterna e sua unidade no Espírito. Quem não se deixa degradar pela vida, mas se renova sem parar, mantém seu ser na mudança e, por meio dela - o que não é um estado estático, mas justamente o caminho de Tao - consegue se transformar e manter-se eternamente.

Trata-se, portanto, diz Tchuang-Tsé, de vivenciar a unidade das coisas em sua multiplicidade. É evidente que para isto é necessário ser receptivo e fazer sua própria escolha: escolher se degradar com a vida, ou se transformar eternamente em unidade com o Espírito. Deste ponto de vista, a escolha não é difícil.

O livro *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz**, o grande clássico dos rosa-cruzes do século XVII, publicado em 1616, trata das qualidades interiores e do protótipo do buscador da verdade. Este buscador, Christian Rosenkreuz, se encontra muitas vezes diante de uma escolha radical, mas percebe-se claramente, pelo texto, que sua escolha é determinada por sua orientação interior:

“...refleti longamente até ficar faminto e sedento por conta do grande esforço. Tomei, por isso, meu pão e o parti em pedaços. Uma nívea pomba, que estava sobre a árvore, e contudo eu não havia percebido, voou para baixo e, quiçá por costume, veio mansamente até mim, de modo que prazerosamente reparti meu pão com ela, que o aceitou. Ela refrigereu-me um pouco por sua beleza. Assim que seu inimigo, um corvo negro, viu isso, partiu para ela. Uma vez que queria tomar seu pão, e não o meu, ela

somente pôde salvar-se fugindo. Voaram, por isso, rumo ao meio-dia, o que me irritou e afligiu de tal maneira que, sem refletir, persegui o corvo insolente e, contra minha vontade, percorri quase um acre por um dos caminhos citados, enxotei o corvo e liberei a pomba”.

* *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz, Tomo I, páginas XXXII e XXXIII, Jan van Rijckenborgh, 1993, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, Brasil.*

TEMPLO DE AQUARIUS

(uma foto do templo de Aquarius,
dentro do arco)

Templo da Harmonia,
Templo do Poder,
Templo da Luz,
Eu te saúdo!

Das sete colunas que sustentaram o
trabalho na primeira fase,
foste considerado a Sexta coluna da
Gnosis, o guardião fiel,
guardião dos tesouros gnósticos no
hemisfério sul.

Eu te saúdo, querido templo!
Dentro de tuas paredes fui forjado um
obreiro da Fraternidade.
Abriste-me as portas
e mandaste levar a palavra àqueles
que têm ouvido para ouvir.
Abandonei-te para cuidar de seu filho
dileto, Pedra Angular.
Ainda espero voltar um dia.
Tua contraparte etérea está firmada
na Igreja Triunfante e,
por outro lado, minha contagem
regressiva está chegando ao fim.
Um pouco mais e estaremos juntos,
querido templo,
e então farei uma prece de gratidão
por tudo o que de ti recebi ,
em especial, por tudo o que pude dar
e assim, querido templo,
continuaremos trabalhando juntos
pela eternidade!

Antônio Lazaro
FIM